

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

**Rodrigo César Tavares Cavalcanti**

**Fantasia e Gozo na Folia do Papangu de Bezerros:  
Operação Ideológica de um Produto Cultural Vivido  
como Tradição**

**Recife, 2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

- "Grau 1": livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas);
- "Grau 2": com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada;
- "Grau 3": apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto, se confiado a bibliotecas, que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia.

**A classificação desta dissertação se encontra, abaixo, definida por seu autor.  
Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da administração.**

---

Título da Dissertação: “Fantasia e Gozo na Folia do Papangu de Bezerros: Operação Ideológica de um Produto Cultural Vivido como Tradição”.

Nome do Autor: Rodrigo César Tavares Cavalcanti

Data da aprovação:

Classificação, conforme especificação acima:

Grau 1

Grau 2

Grau 3

Recife, 2015

Assinatura do autor

Rodrigo César Tavares Cavalcanti

**Fantasia e Gozo na Folia do Papangu de Bezerros:  
Operação Ideológica de um Produto Cultural Vivido  
como Tradição**

Orientador: Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão

Dissertação apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de mestre em Administração do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, 2015

Catálogo na Fonte

Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

C376f Cavalcanti, Rodrigo César Tavares

Fantasia e gozo na Folia do Papangu de Bezerros: operação ideológica de um produto cultural vivido como tradição / Rodrigo César Tavares Cavalcanti. - Recife : O Autor, 2015.

112 folhas : il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2015.

Inclui referências.

1. Tradição (Filosofia). 2. Gozo. 3. Fantasia. 4. Análise do discurso. I. Leão, André Luiz Maranhão de Souza (Orientador). II. Título.

658 CDD (22.ed.)

UFPE (CSA 2015 –117)

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

# **Fantasia e Gozo na Folia do Papangu de Bezerros: Operação Ideológica de um Produto Cultural Vivido como Tradição**

Rodrigo César Tavares Cavalcanti

**Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 25 de fevereiro de 2015.**

Banca Examinadora:

Prof. André Luiz Maranhão de Souza Leão, Ph.D, UFPE. (Orientador)

Prof. Amílcar Almeida Bezerra Ph.D, UFPE (Examinador Externo)

Prof. Fernando Gomes de Paiva Júnior, Ph.D, UFPE (Examinador Interno)

*A Todos que estão em busca de conhecimento*

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que me apoiaram até aqui. Gostaria de agradecer especialmente a Dalvanira, minha mãe, pela coragem e dedicação exemplares. A toda minha família por estar perto quando precisei. Ao professor André Leão pela grandeza de espírito e sabedoria com que convivi durante a orientação. A todos os colegas acadêmicos pela ajuda e inspiração.

*“a tarefa ética máxima é a do verdadeiro despertar: não somente do sono, mas do feitiço da fantasia que nos controla ainda mais quando estamos acordados”*

Slavoj Žižek

## Resumo

O carnaval é uma data que se destaca no calendário brasileiro. Nessa época diversas festas acontecem por todo o país. Em Pernambuco já existem focos históricos de animação como o bloco do Galo da Madrugada, os palcos distribuídos pelo Recife Antigo e as fantasias das Ladeiras de Olinda. No interior chama a atenção a Folia do Papangu, uma festa conhecida pela presença dos Papangus, pessoas com o corpo inteiramente coberto por tecido e máscaras. Essa festa acontece desde o início do século passado e passou por diversas mudanças e hoje ela se configura como uma das maiores festas carnavalescas de Pernambuco. É um acontecimento repleto de referências culturais históricas da região oferecidas com o trato de um grande evento. As atrações da festa exercem um fascínio naqueles que a presenciam. A pesquisa então foca em entender como se dá esse encanto e a teoria zizekiana sobre o gozo no capitalismo orientou essa busca. Os foliões procuram na festa o gozo, que é estruturado pela fantasia. Observou-se tal experiência como construção sociohistórica e a análise de discurso foucaultiana foi adotada. Como resultados foram encontradas duas formações discursivas complementares que permitem o entendimento do funcionamento do gozo e da fantasia na Folia do Papangu.

**Palavras-chave:** Folia do Papangu. Tradição. Gozo. Fantasia. Análise do discurso.

## **Abstract**

Carnival is an outstanding time in Brazilian calendar. Many festivities happen all around Brazil in this time. In Pernambuco there has been historic feasts such as Galo da Madrugada, Recife Antigo shows and the fantasies of Olinda. Bezerros, a small city of Pernambuco, draws attention with the Folia do Papangu feast. It is known as a place where people covers themselves with fantasies and masks – the Papangu. Folia do Papangu is now one of the greatest feasts in Pernambuco. There, tourists experience an event full of historic and cultural elements with the professionalism of a big spectacle. Folia do Papangu creates some kind of fascination. This research aims to understand this enchantment. For this, Žižek's enjoyment theory was used. The people in this event seeks for enjoyment, which is structured by fantasy, an idea they have of reality. The research understood such an experience as discursive and the Foucault's discourse analysis was adopted. As result, two complementary discursive formations rose and lead to the understanding of enjoyment and fantasy at Folia do Papangu.

**Keywords:** Folia do Papangu. Tradition. Enjoyment. Fantasy. Discourse analysis.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1 - Mapa geral de enunciados, funções, regras e formações discursivas. Fonte: Próprio autor</b>	<b>49</b>
<b>Figura 2 - Mapa a partir da formação discursiva “A Folia do Papangu é operado como dispositivo do gozo”</b>	<b>55</b>
<b>Figura 3 - Foliões no bloco Urso Pão</b>	<b>56</b>
<b>Figura 4 - Barraca “Vem que é gostoso”</b>	<b>59</b>
<b>Figura 5 - Foliões posam para foto</b>	<b>60</b>
<b>Figura 6 - Papangu com bebê e foliões</b>	<b>62</b>
<b>Figura 7 - Papangu mostra bebê</b>	<b>62</b>
<b>Figura 8 - Papangus e máscaras sendo vendidas ao fundo</b>	<b>64</b>
<b>Figura 11 - Estrutura do corpo de bombeiros e arquibancada</b>	<b>77</b>
<b>Figura 16 - Mapa da formação “A Tradição dos Papangus é uma fantasia”</b>	<b>87</b>
<b>Figura 17 - Papangus sem máscara</b>	<b>89</b>

# Sumário

<b>1 Introdução</b>	<b>12</b>
<b>2 Revisão de literatura</b>	<b>17</b>
2.1 A Folia do Papangu	17
2.2 Conceitos sobre cultura	21
2.2.1 Um olhar sobre a cultura	21
2.2.2 Um olhar sobre a tradição	26
2.2.3 A mercantilização da cultura	29
2.3 A teoria zizekiana de ideologia	33
2.3.1 Dispositivo do gozo	35
2.3.2 Fantasia	38
<b>3 Procedimentos metodológicos</b>	<b>42</b>
<b>4 Apresentação dos resultados</b>	<b>48</b>
4.1 A Folia do Papangu é operada como dispositivo do Gozo	54
4.1.1 Dispositivo do gozo na Folia do Papangu	56
4.1.2 A Folia do Papangu é formatada como produto cultural	65
4.1.2.1 Feixe de relações partindo da regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural”	67
4.1.3 A Folia do Papangu é organizada como produto cultural	79
4.1.4 Feixe de relações da regra “A Folia do Papangu é organizada como produto cultural” <sup>81</sup>	81
4.2 A tradição da Folia do Papangu é uma fantasia	86
4.2.1 Fantasia na Folia do Papangu	87
4.2.2 A Folia do Papangu é vivida como tradição	91
4.2.3 Feixe de relações partindo da regra “A Folia do Papangu é vivida como tradição”	93
<b>5 Considerações finais</b>	<b>102</b>

# 1 Introdução

---

O carnaval é uma das festas mais reverenciadas do Brasil. No início de todos os anos, as redes de televisão, os jornais, as revistas, os sites e as próprias pessoas no seu cotidiano comentam sobre, se preparam para ele e logo entram em um clima de festa que passa por todo o território de diferentes formas.

Em Pernambuco não é diferente. É possível falar dos maiores carnavais da região e até do mundo, como o de Recife, com o bloco do Galo da Madrugada, e o de Olinda, com suas ladeiras tomadas por blocos e pessoas fantasiadas.

Um pouco distante desses grandes focos de folia está o carnaval de Bezerros com a chamada Folia do Papangu. Trata-se de uma festa que atrai cerca de 300 mil pessoas na qual a prefeitura organiza apresentações de artistas feitas em palcos distribuídos pelo centro da cidade. Além disso, diversos blocos desfilam em locais previamente estabelecidos (FOLIA DO PAPANGU, 2014).

Em visita a região na época do carnaval é possível ver que a festa não se resume a isso. Logo na chegada a Bezerros nota-se o ar interiorano da festa. A rodoviária é pequena, existem poucas pessoas por perto. A vegetação é típica de uma terra com alta incidência solar e ambiente rústico. A decoração começa já nesse lugar, com máscaras de Papangu penduradas como se fossem quadros. O foco da folia não é muito distante da rodoviária, no entanto quem conhece pouco da cidade pode conseguir alguém que o transporte até lá. Nesse caso ônibus e táxis perdem em incidência para os moto-taxis. Em pouco minutos é possível chegar no ponto

mais alto da ladeira onde se localizam os palcos, o espaço para desfile dos blocos e o comércio.

Nas entradas localizam-se grandes estruturas como portões abertos para a festa. Nessas estruturas estão impressas diversas marcas que apoiam o evento, tais como a marca da Prefeitura de Bezerros e marcas de cerveja. Além disso, uma das coisas que mais chama a atenção são os foliões. Milhares de pessoas as mais diversas se movimentam no decorrer dessa longa ladeira. São foliões sozinhos, com seus parceiros e parceiras, com grupos de amigos, fantasiados ou com roupas leves para aguentar a brincadeira, fantasias essas de Papangus ou outros personagens regionais e até globais. Elas estão no chão mas também estão nas casas que abrem suas janelas ou ocupam suas varandas para ver a folia.

A festa se baseia em suas atrações e tradição. É visível uma grande quantidade de pessoas fantasiadas de Papangu, especialmente no domingo de carnaval, o dia reservado para o bloco do Papangu, o principal deles. Os foliões interagem, tiram fotos ou simplesmente ignoram esses que são tão falados mídia afora. Além dos blocos e dos próprios foliões, existem os artistas que se apresentam no palco, com músicas as mais diversas, privilegiando temas locais como o forró e o frevo.

A organização da festa é composta por órgãos do Governo do Estado de Pernambuco, tais como EMPETUR e FUNDARPE, juntamente com a Prefeitura de Bezerros (PASSOS, 2014). Diversas marcas apoiam a festa e não perdem de fazer suas divulgações como parte de decoração da folia.

A tradição também é uma questão a se pensar. A festa é vendida como uma experiência da tradição e as pessoas falam sobre isso e vivem esse contexto. A figura do Papangu está por toda a parte, assim como as marcas e outras peças de comunicação institucional. A tradição parece estar envolta de outros elementos não tão tradicionais assim.

Isso torna possível questionar a própria noção de realidade vivida pelos foliões. O que constitui a realidade que é experimentada na festa? Diante de tantos elementos diferentes, o contexto em que se dão as brincadeiras pode ser menos óbvio do que se pensa. Suas noções do que é real e do que lhes parece real podem se confundir.

Como é possível notar, diversas práticas e sujeitos fazem parte do que seria a Folia do Papangu. Se por um lado temos um vasto conjunto de elementos que partem da história de Bezerros, o que seria entendido como tradição e as próprias pessoas envolvidas, por outro tem-se um cenário de controle, planejamento, investimento e divulgação dessa festa.

Assim, a Folia do Papangu se torna um ambiente onde elementos culturais são administrados para que a experiência do folião aconteça. É possível entender então por que os blocos que antes aconteciam em locais variados da cidade agora estão centralizados. Um só local é mais fácil de organizar do que uma cidade inteira; é mais fácil estar em um só local do que vários.

O controle na festa não só na sua organização mas também age de forma velada. As pessoas vão buscar na festa o que se entende pela cultura de Bezerros. Isso quer dizer não só a história carnavalesca da região mas também os próprios hábitos advindos dessa localidade na época do ano, como, por exemplo, a tranquilidade da folia. Essa combinação sociocultural faz a festa ser o que ela é aos olhos do folião. E essa combinação cria um universo no qual os foliões imergem e consomem cada vez mais, movimentando a economia da região.

Os foliões vestem não só suas fantasias mas também o papel de consumidores sem que ninguém lhes ensine isso. Parece haver uma ordem implícita que os orienta dentro da festa. Essa é uma pista de que um processo ideológico acontece.

Ao longo da história, os estudos sobre ideologia trouxeram diversas maneiras de pensar sobre ela. A ideologia já foi vista como uma doutrina explícita, um conjunto de regras ensinado para que as pessoas seguissem determinada visão de mundo. Aí então a ideologia

passa a ser vista a partir das instituições que as disseminavam, tais como governos e seus modos de produção. Contudo, hoje, os estudos pós-estruturalistas veem a ideologia como algo implícito que se torna a própria realidade experimentada pelas pessoas (ZIZEK, 1996).

Zizek (1996) defende que a própria realidade é ideológica. A ideologia assim atuaria inconscientemente sem, no entanto, ter o status de algo que mascara o que está diante dos olhos. A ideologia estaria não só nesse olhar mas em tudo que se vê, criando a própria realidade e designando todas as coisas que se sabe e experimenta.

A inquietação que vinha do fato de as pessoas participarem a festa de determinado modo sem no entanto serem ensinadas para tanto parecem ter uma explicação para o âmbito de ideologia, mais especificamente a teoria da ideologia zizekiana. Os foliões ali imersos entrariam em contato com uma ideologia existente nos discursos que ali se mostravam e estruturavam sua visão de mundo, orientando suas ações.

Esse universo discursivo criado passa a ser interesse de estudo. Então, a partir disso foi possível tecer a seguinte pergunta de pesquisa: como a Folia do Papangu de Bezerros é ideologicamente operada?

Pode-se justificar o estudo pela ausência de estudos sobre o carnaval segundo essa perspectiva. A maioria dos estudos nessa área são de cunho funcionalista, preocupados com a gerência desses eventos, sua lucratividade, a imagem construída para os turistas entre outros.

Além disso, o trato que se dá para festas que se utilizam de elementos culturais é muitas vezes folclórico, carecendo de uma abordagem crítica. Esse estudo entende a cultura como um ambiente distante de ser intocável e sagrado, mas um terreno por onde o controle social é possível e deve ser entendido profundamente.

Uma outra justificativa é a possibilidade de melhor compreensão do que se conhece como festa popular. Com o crescimento do turismo, a história e cultura dos lugares passa a ser cada vez mais importante. Muitas vezes o uso dessas localidades pode gerar um desserviço

para a sociedade e, em vez de trazer maior poder sobre si mesmas, trará problemas. Entender as atrações turísticas não só pelo seu potencial de lucratividade mas também da sua importância para os povos que as origina pode trazer um uso mais harmônico das riquezas região.

## **2 Revisão de literatura**

---

O conteúdo teórico que guiou a pesquisa se encontra nessa seção. De início procurou-se mostrar informações que mostram a evolução da Folia do Papangu. Essas informações são escassas pois existem poucos estudos sobre o carnaval de Bezerros e estudos que não atendem a perspectiva crítica adotada nesta pesquisa. Depois seguem discussões sobre cultura e tradição, dois tópicos que possuem diversas abordagens e, nesse estudo, são vistos sob um ângulo específico, o qual foi explicitado nessas seções. A mercantilização da cultura também é discutida por ser um fenômeno central na Folia do Papangu, que passou de agitação carnavalesca para um grande produto cultural. Já as seções sobre dispositivo do gozo e fantasia tratam de conceitos centrais para entender a teoria utilizada nesta pesquisa.

### **2.1 A Folia do Papangu**

A Folia do Papangu é uma festa que acontece durante o carnaval no interior de Pernambuco e Lima (2007) conta como foi o início do carnaval nessa região. Em meados do século XVII as companhias carregadoras de açúcar e de mercadorias se movimentavam para estabelecer acordos e festas, como a festa de Reis. Mais tarde, por volta dos séculos XVIII e XIX, apareceram os primeiros clubes de máscaras, conjuntos carnavalescos, troças e Papangus.

Há diversas histórias que contam o surgimento dos Papangus. Todas elas são construções sociohistóricas e ideológicas mas que ajudam na discussão sobre o fenômeno. Uma dessas histórias diz que os Papangus eram foliões que usam máscaras para tornarem-se anônimos e, assim, abordarem os moradores em suas casas atrás de uma comida típica da

região: o angu (LÓSSIO; PEREIRA, 2008). No centro comercial da cidade do Recife, no início do século XX, nas ruas da Concórdia, Imperatriz e Nova, fala-se da aparição dos Papangus como pessoas que usavam máscaras de fronha rendada, com saias da cintura para baixo e mais uma saia sobre os ombros, todos organizados em grupos (LÓSSIO; PEREIRA, 2008). Estes foliões, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais, brincavam de forma peculiar. Os registros informam que eles saíam não só em busca de angu pelas casas da cidade, mas também atrás de outras comidas, moedas, bebidas alcólicas, água entre outros, tudo isso sem deixar de zombar dos moradores dessas residências (RAMOS, 2008). As troças de Papangus saíam acompanhadas de outras pessoas fantasiadas de urso ao som de instrumentos musicais como sanfona, reco-reco, pandeiro e triângulo; além de um instrumento de caráter contábil, ou seja, um livro para registrar quem contribuiu ou não com os Papangus (RAMOS, 2008).

São diversas as histórias registradas acerca da origem dessa manifestação cultural. Lóssio e Pereira (2008) dizem que há registros dos Papangus no início do século XX em ruas do centro do Recife; também afirmam que nessa época surgiu a festa em Bezerros. Mas há afirmações (BRAYNER, 1997) de que ainda no século XIX que filhos livres de escravos se vestiam de Papangu para se aproximarem de senhoras de escravos através de simples toques de mão.

Uma das tentativas de explicar a origem dos Papangus vem da figura do farricoco. Nas procissões religiosas de cinzas, um personagem mascarado andava na frente da procissão abrindo alas com um chicote, recebia vaias e era alvejado por pitombas pelas crianças (PESSOA, 2007). Esse personagem era o farricoco, que, por sua vez, tem esse nome por remeter à “cuca”, personagem da cultura portuguesa que amedrontava as crianças (RAMOS; MACIEL, 2009). O farricoco teria se transformado, ao longo do tempo, no que conhecemos hoje por Papangu.

Outra teoria da origem dos Papangus vem de sua relação com a prática cultural do cavalo-marinho. Sobre o cavalo-marinho, Brayner (1997) diz que se trata de um folguedo em que os personagens envolvidos também utilizam máscaras e fazem movimentos rápidos, havendo até choque entre eles. Segundo artistas envolvidos e citados em Ramos (2008) uma dissidência do cavalo-marinho junto como uma natural evolução teria dado origem aos Papangus.

Também foi levantada a possível origem dos Papangus a partir das tradições populares do reisado. O reisado se caracteriza por práticas culturais religiosas, ibéricas e natalinas. A semelhança que caracteriza a hipótese de ligação com os Papangus se dá porque o reisado tem como influência a peregrinação do grupo de reis às casas dos habitantes locais, que os recebem e oferecem lanches. Como os Papangus também praticavam a visita a residências, encontrou-se aí uma possível origem (RAMOS; 2008).

Os Papangus ampliaram sua atuação, passaram da zona rural a zona urbana. Isso se deu porque os coronéis migraram para as vilas na época da república e trouxeram junto com eles algumas tradições da zona rural, como era o festejo dos Papangus (OLIVEIRA, 2010).

Os Papangus e seus rituais vêm mudando com o tempo como mostram Ramos e Maciel (2009). Hoje, é raro vê-lo abordando as casas. Eles se reúnem em determinado local da cidade para desfilarem em blocos. Essa mudança foi uma ordem da prefeitura, influenciados pelas atividades turísticas. Até a tradicional busca por angu mudou. Em tempos mais próximos, o angu não é mais buscado, é providenciado e servido nas ruas como café da manhã. Essas mesmas ruas são vistas na atualidade com um papel quase privado, onde é realizado o carnaval em meio as pessoas e ao som de frevo (OLIVEIRA, 2010). Outro exemplo de mudança foi a introdução de máscaras no estilo carnaval de Veneza (RAMOS; MACIEL, 2011).

As mudanças ficam mais gritantes quando é observada a organização do evento. Turistas visitam a cidade e criam uma festa de mais de 300 mil pessoas (FOLIA DO PAPANGU, 2014). A prefeitura criou uma estrutura para essa festa, o que inclui um concurso de fantasia de Papangus. A organização é tanta que esse concurso apresenta várias modalidades de participação, tudo discriminado em edital oficial feito pela prefeitura. Os adultos podem concorrer individualmente, em dupla ou em grupos; os jovens concorrem duas categorias: até 7 anos e de 8 até 14 anos. Os participantes são identificados com crachás e avaliados segundo critérios específicos: “Irreverência, Originalidade, Criatividade, adereços e fantasias e principalmente integração e harmonia com o evento” (FOLIA DO PAPANGU, 2014). Palcos são montados para apresentações de artistas do mercado da música e todos os blocos, que contenham Papangus ou não, tem horário e local para suas festividades (FOLIA DO PAPANGU, 2014).

Até a década de 80 a estética dos Papangus era tida como grotesca, assustadora, perturbadora ao mesmo tempo que divertia (LÓSSIO; PEREIRA, 2008). Muito antes disso, em meados de 1831, os Papangus chegaram até a ser proibidos pela câmara (RAMOS, 2008). Depois, a comunidade local passou a transformar o Papangu para que se adaptasse melhor às novas condições socioeconômicas (RAMOS; MACIEL, 2009). Então o Papangu passou a ser uma atração turística, ampliando seu simbolismo para ser melhor aceito (RAMOS; MACIEL, 2009). Mais especificamente através do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) e depois através do sistema de rotas do Programa de Regionalização do Turismo, Bezerros e suas atrações turísticas ganharam força e deram os resultados que hoje se vê.

## **2.2 Conceitos sobre cultura**

Essa seção esclarece aspectos basilares em relação ao objeto estudado. A Folia do Papangu é um evento criado a partir da cultura de cidade de Bezerros. O principal mote da festa é a tradição a que remete, uma série de práticas históricas que acontecem durante o carnaval na região. O evento é então uma construção mercadológica de uma tradição que se utiliza de elementos culturais da cidade de Bezerros. Cultura, tradição e mercantilização dessa cultura são conceitos integrantes do fenômeno e merecem cuidado, não só por serem pontos de início da discussão mas por terem definições alinhadas com um ponto de vista crítico. A cultura em questão aqui não é algo puro e intocado, pelo contrário é algo que sofre influências econômicas; a tradição também se apresenta não como um elemento histórico que se repete igualmente ao longo do tempo, mas uma reconstrução baseada em elementos culturais que surgiram no decorrer da história; e essa reconstrução histórico-cultural tem uma finalidade que é movimentar a economia da região e possui implicações específicas dadas por esse caráter mercantil. Esses conceitos serão discutidos a partir de agora.

### **2.2.1 Um olhar sobre a cultura**

A Folia do Papangu se baseia em práticas históricas que acontecem durante o carnaval na cidade de Bezerros. Não é estranho que se fale dessa festa como algo tradicional, algo natural do povo de Bezerros.

A Folia do Papangu é uma manifestação cultural, mas o que isso quer dizer? E sobre tradição, essa festa é mesmo tradicional? Se fez necessário então o esclarecimento do que é uma cultura e o que é uma tradição. Sobre cultura popular traz-se como guia os estudos

críticos de Ernesto Garcia Canclini (1983), já sobre tradição, leva-se em consideração o que Eric Hobsbawm (1997) trata como tradição inventada.

O que é cultura? Antes de responder essa pergunta, é preciso ter em mente que a cultura é uma invenção e qualquer que seja a explicação que se dê a ela será uma construção localizada. A ideia que se tem de cultura é algo que varia entre um estudo e outro, entre a concepção de um cientista e outro. A cultura quando é definida é assim uma criação, resultado da capacidade reflexiva, interpretativa e criativa do pesquisador (WAGNER, 1981). Essa pesquisa começa a discussão de uma ideia de cultura que dê conta do objetivo a ser alcançado, de maneira crítica e criativa.

Canclini (1983) mostra três respostas para essa pergunta: a romântica, a dos empiristas e a gramsciana. Os românticos afirmam que a cultura popular vem do povo como uma totalidade homogênea e autônoma que tem em si a criatividade espontânea como alta expressão de valores humanos e um modo de viver que deveria ser retomado. Essa visão negligencia o saber acadêmico e o que vem de um estado considerado como civilizado, uma espécie de negação ao artificial. O autor defende que essa concepção não durou mais do que o entusiasmo que o criou pôde sustentar. Esse ponto de vista foi superado quando ficou claro que essa produção do povo era gerada também a partir do contato com o que era culto, com o que era de fora daquele meio “puro”.

Uma superação do enfoque romântico seria o empirista. Diferente do isolamento daquele, os empiristas acreditavam no estudo das culturas a partir do contato com elas. Assim, as culturas eram minuciosamente descritas a partir de seus mitos, lendas, festas, artesanato, hábitos e instituições. Apesar de conseguir tirar o véu mágico que os românticos vestiram a cultura, os empiristas descreviam mais do que explicavam e tinham uma visão estreita dessas culturas, não observando os seus entornos. A crítica feita é a de que dinâmicas sociais mais

amplas não eram vistas, tais como a relação de certos grupos com o avanço capitalista (CANCLINI, 1983).

A visão gramsciana então aparece como uma alternativa. Ela permite não só a observação completa das culturas mas também de um quadro mais amplo. As culturas passam a ser estudadas pelas suas relações com outras culturas. Ganham valor com esse enfoque os desníveis, os conflitos, as desigualdades, as influências das culturas entre si entre outros elementos que antes não eram notados (CANCLINI, 1983).

Por outro lado, Martin-Barbero (2003) sinaliza para possíveis excessos na compreensão dessas influências culturais. O autor alerta que nem sempre o que vem “de cima” é dominação, pois há a capacidade de uma cultura “digerir” o que vem de outros grupos de maneira que algo além dessa adaptação, dessa recriação. É preciso estar atento para a capacidade de troca entre culturas em contraste com a lógica de dominação.

De qualquer forma, se mostra como pertinente abandonar a idealização romântica e a cegueira empirista para se entender os fenômenos culturais de forma contextualizada, principalmente na sua relação com as culturas hegemônicas. O capitalismo e sua força hegemônica não podem ser negligenciados de um fenômeno no qual o mercado aparece como um cenário importante.

A Folia do Papangu é uma festa onde circulam pessoas, seus símbolos e suas riquezas. Ela movimenta a cultura e a economia da região de uma maneira recíproca, ou seja, a cultura e a economia da região também movimentam a Folia do Papangu. Assim, como mostra Canclini (1983), um fenômeno cultural é melhor entendido quando se extrapola o simbólico e o econômico é levado em consideração.

Nesse sentido, é interessante notar que o simbólico é apropriado pelo econômico. O capitalismo se apropria de elementos de certas culturas, reestrutura-as, reorganiza os significados e as funções de seus objetos para se adequar a suas crenças e práticas

(CANCLINI, 1983). A Folia do Papangu quando atua como produto turístico é um exemplo disso. A festa histórica dos Papangus é domesticada em nome de uma experiência mais adequada ao passeio turístico. As ruas não são mais as ruas mas passarelas onde os blocos vão passar disciplinadamente de modo a permitir uma melhor observação e participação dos turistas.

Ortiz (2008) acrescenta algo na discussão na medida em que afirma que essa relação entre economia e cultura é construída, não existindo, por exemplo, qualquer relação natural entre cultura e desenvolvimento econômico, como é comum se ver em discursos governamentais. O autor ainda argumenta que a cultura diz respeito a símbolos, que se conectam a outros símbolos e significados, torando assim conexões como as de cunho econômico possíveis.

Yudice (2006) atesta contundentemente essa relação entre cultura e economia. Mas vai além, defende que a cultura se submete a uma lógica econômica e passa a ser utilizado como recurso. Cultura e economia estão de fato interligadas e a tal ponto que sua própria lógica de funcionamento passa por um argumento econômico. Não existe somente uma fusão mas uma dominação por parte de quem tem o controle dos recursos culturais. Esses recursos passam por uma reestruturação simbólica e são tratados de forma dissertativa diante de sociedade.

Essa reestruturação simbólica acontece de dentro para fora. Não existe uma força concretamente externa que influencie na estruturação simbólica da festa mas uma influência aceita que rege alguns termos de funcionamento (CANCLINI, 1983). Apesar de existir a influência de algumas instituições estatais e privadas, elas não dizem exatamente como a festa deve ser feita. Quem faz a festa de fato são os próprios habitantes locais em suas diversas instâncias, desde o prefeito até o vendedor de cervejas na rua. O que se argumenta é que o

desenvolvimento capitalista influencia nesse jogo simbólico sem no entanto ditar suas regras explicitamente.

A cultura se mostra assim como influenciável, transformadora de outras culturas. O relativismo cultural diz que não existem culturas superiores ou inferiores, no entanto, como visto, é inegável a capacidade de uma cultura exercer poder sobre outras. A multinacionalização do capital faz com que exista uma troca desigual entre bens culturais e simbólicos. Os mercados nacionais criam órbitas nas quais determinados grupos giram ao redor de outros mais fortes, criando uma adaptação forçada e deixando claro que não existe nenhum tipo de proteção cultural natural (CANCLINI, 1983).

O capitalismo não só influencia mas inibe a diversidade de padrões culturais, objetos e hábitos de consumo porque inibem sua expansão. O capitalismo causa a homogeneização a produção cultural em um sistema que o sustenta. O que se cria é uma liberdade virtual, algo que diz que é permitido aceitar a hegemonia livremente. As manifestações culturais autônomas são sufocadas e assimiladas para se harmonizarem com o capitalismo. Assim, as manifestações culturais são de alguma forma transformadas em manifestações culturais capitalistas, preservando toda uma série de contingências e pressupostos compatíveis como a perpetuação de uma situação (CANCLINI, 1983).

Existe uma definição de cultura pertinente a tudo que já foi dito: “a reprodução de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social” (CANCLINI, 1983). Essa definição de cultura leva em consideração o dinâmico papel do simbólico atrelado ao material e seu poder de interferir no curso das culturas ao seu redor.

## 2.2.2 Um olhar sobre a tradição

Uma vez definido em que sentido chama-se a Folia do Papangu de manifestação cultural, pode-se discutir a ideia de tradição que envolve essa festa.

É comum o termo “tradição” ser usado para falar sobre os Papangus de Bezerras. Isso foi encontrado nos dados. Essa tradição a que as pessoas geralmente se referem está muitas vezes relacionado a visão romântica de cultura (CANCLINI, 1983), algo espontâneo, histórico, que está puro, isolado da civilização. Essa pesquisa, no entanto, encara a ideia de tradição com outro olhar.

Foi adotado o conceito de tradição inventada adotado por Hobsbawm (1997). O conceito se refere as tradições inventadas, sejam elas facilmente localizáveis no tempo e no espaço até as mais dispersas. A Folia do Papangu (não apenas a movimentação carnavalesca) é um evento recente, construído por órgãos governamentais junto com empresas privadas. Sendo assim, é algo montado e que tem nítido início.

As pessoas adotam certas práticas em suas vidas de acordo com o que vivem. O tempo em que uma prática passa a ser feita coletivamente não é exata, embora haja determinados momentos que marcam a presença daquela prática social. Assim, sobre uma tradição inventada é importante entender que ela tem limites imprecisos. Uma tradição para ser considerada como inventada pode ter sido abruptamente construída por um agente poderoso ou originada aos poucos com forças dispersas agindo para sua concretização (HOBSBAWM, 1997).

Jones (2007) mostra como uma tradição pode se desdobrar em diversas manifestações ao longo do tempo. O autor mostra o conceito de zonas de tradição, na qual diferentes regiões acabam sendo decisivas na prática de determinada tradição. Ele estuda a histórica ideia de que na Índia as vacas são sagradas. De fato são em determinadas regiões,

mas não em outras. Na definição de qual tradição é a vigente está meramente a noção espacial. Isso nos faz pensar sobre os limites de uma tradição, que, nesse caso, podem ser simplesmente regionais. O estudo também mostra como os limites de uma tradição são plurais, podendo ser temporais ou, como neste caso, regional.

Mais importante é, por outro lado, perceber como se dá o fenômeno social para classificá-lo segundo esses termos. Sendo assim, a tradição inventada toma forma quando são vistas práticas ritualísticas ou simbólicas sendo aceitas, tornando reais certos valores e normas por meio da repetição de atos sociais e que aja de maneira tal que traga alguma ligação com o passado (HOBSBAWM, 1997).

Como práticas ritualísticas ou simbólicas de uma tradição podemos entender ações induzidas, tendo elementos tangíveis ou simbólicos como importantes. A repetição dessas ações acaba gerando um efeito, como, por exemplo, a sensação de pertencer a um grupo ou prazer em pertencer a uma região. Por fim é importante entender que essas ações são feitas com influência da história, utilizando-se de referências do passado de um povo.

O caso dos Papangus é intrigante quando se considera essa definição. A atual folia do Papangu faz parte de um calendário de festas carnavalescas. Este calendário é posto em prática por instituições públicas e privadas, isto é, o evento da Folia do Papangu é amplamente divulgado e organizado. Considerando este fato, pode-se enxergar uma certa indução. A repetição dessa indução ao longo do tempo reforça a ideia da importância da festa naquela época. Também, a associação da imagem e significados do Papangu ao espetáculo fazem uma referência a história do povo da região em questão. Então, veem-se também repetições causando efeitos sociais e uso do passado nessa atividade. Sendo assim, uma forte associação com a teoria da tradição inventada pode ser observada.

A tradição inventada é um movimento social persuasivo porque tenta transformar a realidade de certos sujeitos. Também, a ligação com o passado mencionada remete a como

essa persuasão é feita: utiliza-se de elementos que estão na história de determinada cultura. Sendo assim, uma leitura possível do conceito é a de que uma tradição é inventada a partir de uma outra que existiu e serve como ferramenta de manobra social.

Esse efeito persuasivo é entendido de forma singular por Budelmann e Haubold (2008). Os autores defendem que a tradição autoriza as pessoas a fazerem determinadas coisas. Age imperativamente estabelecendo regras e, ao mesmo tempo, autoriza aquilo que por regra foi definido. Esse fenômeno cria então nos envolvidos uma crença e estabelece diversas relações simbólicas, dentre elas, a relação entre presente e passado.

Essa ligação com a história é dada como artificial, uma vez que é uma tentativa de estruturar práticas do passado em função das mudanças trazidas pelo presente (HOBBSAWM, 1997). As tradições inventadas estabelecem uma relação apenas de referência com as tradições que já existiram. Sua forma de fato é atual sendo, portanto, uma novidade do passado utilizada para algum fim.

Aqui é possível traçar mais um paralelo com a atual festa dos Papangus. Além da própria aparência do personagem ter mudado, a forma de comunicação é diferente, além da própria maneira de brincar. O Papangu ganhou um status de garoto-propaganda que antes não tinha; também passou por uma formatação em blocos e uma série de outras regras com fins turísticos. Ora, são os mesmos personagens mas adaptados a um outro momento. A história do Papangu parece ser base para uma reconstrução estruturadora de um espetáculo.

Uma tradição inventada é invariável e possui grande força simbólica e ideológica (HOBBSAWM, 1997). Essa invariabilidade mostra sua artificialidade, passando a ser apenas uma convenção aceitável em determinada configuração social. Tanto é que Hobsbawm (1997) também afirma que ações meramente pragmáticas ajudam a distinguir o que é tradicional e o que não é.

DeWall (2013) alerta para a possibilidade de desconstrução de narrativas tradicionais para que novas narrativas prevaleçam. Hibbert e Huxman (2014) corroboram com esse posicionamento destacando o papel interpretativo daqueles expostos às práticas das tradições que emergem. Assim, as tradições apresentam-se como dinâmicas e em uma disputa de significação em determinados grupos sociais.

Carroll e Wheaton (2009) mostram como isso pode acontecer. Em uma dinâmica interpretativa da tradição do vinho na Itália, duas categorias emergem: a moderna e a tradicional. Apesar de ambas representarem uma mesma tradição, que é a do vinho, elas se apresentam de formas diversas em uma luta pelo título do que é tradicional. A primeira e a segunda categoria disputam se utilizando, respectivamente, de argumentos baseados em originalidade e genuinidade. Esse é apenas um exemplo de como a tradição pode sofrer mutações e da complexidade da dinâmica de significado que a invenção de uma tradição pode apresentar.

### **2.2.3 A mercantilização da cultura**

O capitalismo aponta para um crescimento tão consistente que pode ser chamado não apenas de global mas de universal. Universal porque vai além de objetos tangíveis na comercialização, alcança a alma do que é físico e passível de trocas. É o que acontece com a mercadorização da cultura. A cultura, em suas variadas formas, passa a ser um produto. Su (2011) mostra isso quando analisa a comercialização da música em uma região turística da China. O Autor evidencia como o governo local utilizou a música regional para gerar lucros, tornando um elemento cultural passível de desaparecimento em um profícuo mercado. Então, a mercadorização da cultura é uma realidade.

Assim também parece ser com a Folia do Papangu. Um fenômeno cultural local passa a ser tratado como produto. Não só a imagem do Papangu é veiculada, mas também sua história, a experiência, toda uma gama de significados que outrora eram apenas voltados para a diversão e identidades locais.

Esse fenômeno abre diversas discussões. Uma delas é sobre no que uma cultura pode se transformar quando está em estado de simbiose com o capitalismo. Light (2007) afirma que o Governo procura fomentar esse tipo de mercado de forma que sejam atendidas as demandas de imagem dos nativos e dos forasteiros. No entanto o mesmo autor ressalta que essa conciliação é problemática. Sansone (2000) ao avaliar a mercadorização da imagem do negro, nota que algumas manifestações culturais desse grupo são deixadas de fora das representações feitas pelo mercado. Por outro lado, Rolando (2000) aponta para a pouca ingenuidade dos turistas sobre a legitimidade da cultura que é apresentada em forma de produto.

A representação dos Papangus tenta conciliar a linguagem universal da publicidade com a linguagem típica da manifestação cultural. Como já foi mencionado, a aparência do Papangu foi suavizada para fins turísticos. Nos concursos, essa mesma aparência ganha um estímulo para a reinvenção e uma conseqüente espetacularização.

No lado de quem consome pode-se dizer que a cultura mercantilizada tem ares de luxo, de ostentação, exclusividade (SANSONE, 2000). No entanto, há apontamentos para a ideia de que essa comercialização também gera a democratização da cultura na medida em que tira certas culturas de um nicho e as populariza.

A Folia do Papangu acompanha uma tradição pernambucana de carnaval de rua. Sendo assim, a exclusividade que gera a ostentação não parece condizer com tal realidade. No entanto, a divulgação do evento e a participação dos turistas, de fato, tira a cultura da região dos Papangus de uma espécie de segredo histórico e a populariza. Essa abertura está

acompanhada da lógica da mercadorização e pode alterar os próprios significados culturais da região.

Essa mercadorização da cultura ganha força com a ideia de desenvolvimento local. Segundo Lima (2007), no final dos anos noventa, políticas culturais foram adotadas por determinadas regiões brasileiras afim de gerar emprego, renda, produtividade, inovação e competitividade.

Pelinca et al (2013) revela que ações desse tipo deram certo, como foi na região de Porto de Galinhas. A utilização da cultura como forma de obter lucro gerou desenvolvimento na região, seja em melhorias na educação ou em aumento do número de empregos. Iorio e Corsale (2010) corroboram com essa ideia ao demonstrar que a mercadorização da cultura rural na Romênia diversificou a economia e tornou um considerável número de pessoas aptas ao mercado de trabalho.

Uma das opções apontadas para o desenvolvimento econômico de regiões de menor expressão parece ser a mercadorização da cultura. Em Bezerros, os Papangus são um dos principais pilares desse movimento e de fato a região torna-se mais atrativa durante a época carnavalesca. O carnaval, assim, ativa a economia com as atividades turísticas e hoteleiras da época.

Barbosa (2005), no entanto, chama atenção para a necessidade de esse desenvolvimento preservar a identidade e o patrimônio locais. O autor também aponta para a exigência de investimentos em infraestrutura, o que sugere que esse desenvolvimento não tem apenas cunho cultural, mas financeiro também.

Froehlich (2011) faz críticas a ideia de desenvolvimento local. Segundo ele, esse desenvolvimento é baseado “na industrialização, urbanização e burocratização” o que, segundo ele, acarreta em “etnocentrismo, conservadorismo e reducionismo econômico”. O autor continua dizendo que é preciso que haja um cuidado na utilização do espaço onde existe

vida humana, pois alterações nela acarretará em mudanças profundas na estrutura da sociedade. Iorio e Corsale (2010) confirmam essa ideia ao demonstrar que a cultura quando utilizada para o desenvolvimento local altera não só a economia mas também a cultura das regiões que têm as suas práticas sociais produtificadas.

Em Bezerros, tem-se um fenômeno sociocultural como atração que movimenta a economia. Mas quais serão os ganhos socioculturais dessa investida? Uma tradição está participando de um jogo que pode mudar a sua existência e isso deve ser levado em consideração.

Avançando na discussão, Zawilińska e Mika (2013) afirma que esse tipo de atividade deve possuir uma visão holística, que considere o sócio econômico, o que inclui compensações aos moradores da região onde acontece tal mercadorização. Outro ponto de vista análogo é o de que “mister se faz, então, administrar o processo tensional entre o local e escalas mais amplas através de reformas institucionais que deem vazão a aspirações democráticas legítimas e encontrem novos pontos de equilíbrio entre o local e o nacional/global” (FROEHLICH, 2011).

Fica claro então que a mercadorização da cultura quando utilizada para o desenvolvimento local gera uma tensão. Muito dessa tensão está entre o econômico e o social. Fica então a questão dessa influência da economia sobre a atividade humana e como isso se resolve ou não se resolve.

Alvesson (1994) alerta para como as técnicas mercadológicas podem distorcer a interpretação dos sujeitos quanto ao valor das coisas a partir da manipulação dos desejos. Esse modo de lidar com os desejos leva a um processo que objetiva construir cada vez mais clientes, em vez de apenas produtos e sua conseqüente satisfação de necessidades (FONTENELLE, 2011).

Grossman (2003) mostra como mensagens culturais são reconstruídas com a finalidade de alimentar ainda mais o consumo. Dessa forma verdadeiros universos consumistas são criados utilizando-se de mensagens culturais que outrora possuíam significados profundos para determinadas comunidades. Segundo Bohm e Batta (2010), o consumo é estruturado com base em fantasias desenvolvidas pelo mercado, o que as leva a um mundo em que qualquer sonho pode ser realizado através de mecanismos de consumo.

A Folia do Papangu parece se alinhar com essa ideia. Os Papangus, antes personagens-símbolo de uma cultura local, se transformam em atração turística que, por sua vez, dá motivos de existir a um grande espetáculo. Esses significados se enlaçam com os desejos dos consumidores envolvidos. De que forma uma tradição é vendida e se torna atrativa para pessoas tão distantes de suas práticas como um turista? É possível que algo na manifestação dos Papangus componham um mundo onírico o qual é vendido por instituições afim de fazer da cultura um produto.

Pode-se concluir que esforços de desenvolvimento local se apoiam na mercadorização da cultura. A cultura então passa a ser tratada como produto, algo passível de consumo. Esse consumo é passível de reflexões. Uma dessas reflexões é como os consumidores reagem a esse modo de funcionamento do consumo. Assim, os consumidores, ou foliões, experimentam uma manifestação cultural tradicional que se transformou. A compreensão da tradição, a configuração da realidade atual dessa manifestação e a lugar do sujeito como folião são discutidas nesse projeto.

## **2.3 A teoria zizekiana de ideologia**

Zizek constrói sua teoria com referências que vão desde a psicanálise até a filosofia idealista alemã e faz contribuições para discussões sobre ideologia, ética, política e

subjetividade no mundo contemporâneo. No âmbito da psicanálise, Zizek parte dos estudos de Lacan para construir sua teoria. De Lacan, ele entende o simbólico como um sistema arbitrário de significados que existe antes de mesmo do nascimento do sujeito e orienta seu posicionamento diante do mundo (ZIZEK; DALY, 2004). Da sua leitura de Hegel, ele repensa a dialética. A síntese para Zizek nunca é final ou total, ela é a própria realidade social subvertida pelo real, um conjunto de antíteses que impede o fechamento do que é a realidade (BÖHM; DE COCK, 2005). Marx também é uma importante influência dentro da sua crítica ao capitalismo, seus rumos, pressupostos e mazelas (ZIZEK, 1996).

A teoria de ideologia zizekiana parte da ideia que as coisas são designadas pela ideologia. Desde a explicação de o que é mundo até o que ele deveria ser, passando pelas crenças que os sujeitos carregam, tudo tem sua origem na ideologia (ZIZEK, 1996).

A ideologia nessa perspectiva não está em um conjunto de normas a serem seguidas nem em instituições que emanem doutrinas. Ela está em atitudes implícitas, em pressupostos que estão no próprio fazer das pessoas. Ela não se separa da realidade, que é uma ficção simbólica fruto de uma pluralidade de universos discursivos (ZIZEK, 1996). No entanto essa simbolização não abarca tudo que existe. O que não é transformado nessa ficção simbólica é chamado de espectro. O espectro é o não simbolizado presente e estruturador da realidade ideológica. Metaforicamente, ele seria os silêncios entre as notas de uma música, são vazios que participam da construção todo. O simbolizado e o espectro são tentativas de acessar o Real, ou como as coisas são em si se que não se tem contato direto mas estruturam a ideia que se tem de realidade nessa teoria (ZIZEK, 1996).

A construção da realidade ideológica não é algo que o sujeito faz em comunicação apenas consigo mesmo. Há um permanente dialogo do sujeito com o mundo e seus discursos, fazendo-o se posicionar. O mundo aparece então como um conjunto de regras implícitas com que se dialoga e se mede, um conceito chamado de Grande Outro (ZIZEK, 1996).

A realidade que simboliza o real em contato com o Grande Outro origina e dá forma aos desejos do sujeito, estruturando a construção da realidade e resolvendo os impasses na realização desses desejos. Isso é a fantasia atuando, tornando a realidade ideológica propícia para o gozo (ZIZEK, 1996).

O gozo é definido por Zizek (2006) como a satisfação em se executar um ritual. Porém não é uma satisfação qualquer, ela existe acompanhada de uma ordem para acontecer, é o imperativo do gozo que leva as pessoas a sempre buscarem-no. Essa busca gera um excesso que encontra uma série de promessas de gozo e torna os sujeitos controlados por ele, eis o dispositivo do gozo, um controle do gozo internalizado.

A fantasia e o dispositivo do gozo estão relacionados. A fantasia estrutura a realidade de tal forma que encanta os sujeitos na busca pelo gozo. Esse encantamento é utilizado pelo mercado nas suas ofertas, construindo assim universos de consumo nos quais os sujeitos internalizam maneiras de desejar, de realizar esses desejos e serem assim consumidores mais dóceis.

Dentre os diversos conceitos utilizados por Zizek para construir sua teoria, o dispositivo do gozo e a fantasia se mostraram como pilares das formações discursivas encontradas como resultado desta pesquisa. Isso porque a Folia do Papangu é uma tradição inventada, ela utiliza elementos da história do carnaval de Bezerros para criar um evento turístico. Nessa construção, discursos emergem e criam um universo fantasiosa que encanta os foliões gozam e se tornam elementos que movimentam a economia da cidade de Bezerros. Essa operação é evidenciada nas formações discursivas a serem descritas e, para uma melhor compreensão dos conceitos que as embasam, este trabalho discute elas mais profundamente nas seções que seguem.

### **2.3.1 Dispositivo do gozo**

Para Zizek (2006), a satisfação incitada pelos rituais é o gozo. Além disso, o gozo é um fator político que sustenta a coerência da ideologia (ZIZEK, 1997). Lacan (1991) ainda diz que o gozo é a materialização de uma parte trêmula das nossas emoções que se dissolve no dia-a-dia.

O gozo não é algo que acontece aleatoriamente ou de maneira espontânea porque está relacionado ao imperativo superegóico do gozo. Quanto mais inocentes somos em relação ao que fazemos, mais obedecemos a essa ordem do superego; quanto mais culpados nos sentimos por obedecer ao superego, mais o gozo é acumulado e maior é a pressão exercida (ZIZEK, 1991). A submissão ao dever de gozar coexiste com o regime capitalista e seu bombardeio de promessas de gozo (ZIZEK, 1997).

A ideia do mais-gozar vem de uma releitura do que Marx chamava de mais-valia. A mais valia pode ser entendida através da distribuição dos ganhos em uma atividade empresarial. Imagine que dentro de uma empresa o empresário tem como fatores de sua produção a matéria-prima, os instrumentos de trabalho e a força de trabalho. Se o empresário desse a cada um desses fatores o equivalente ao que foram capazes de produzir ele não teria ganho algum. O empresário ganha a partir do momento em que remunera abaixo do que produzem aqueles que o auxiliam nas atividades empresariais. Com o trabalho remunerado abaixo do que seria esperado, o trabalhador acaba dedicando mais horas de trabalho do que seria necessário para sua sobrevivência em uma trama que rende lucros aos capitalistas. A diferença entre o tempo de trabalho total gasto e o tempo de trabalho suficiente para sua subsistência é como se configura o conceito marxista de mais-valia. É o trabalho extra do trabalhador que fornece ao empresário o lucro (LUSTOZA; 2009, LEFEBVRE; 1960).

Esse processo não é totalmente definido nem tem uma conclusão clara. A finalidade é infinita, sem um ponto de basta, sem limitações. Ele inicia com uma renúncia ao gozo, passa por um investimento no gozo sacrificado e, no fim, o resultado é mais renúncia. Assim o

acúmulo do gozo vai produzindo efeitos sem que haja uma posse integral dele, sem dono total. Isso configura em colocar a própria mais-valia como desejo trazendo assim uma corrida contínua na qual nunca se vence e em vez de produzir mais gozo, produz gozo de menos (LUSTOZA, 2009; QUINET, 2007).

O gozo renunciado, entretanto, gera gozo. Essa renúncia é ainda acrescida de um bônus de satisfação. Esse bônus vem da parcela de participação no gozo que é próprio do mercado do qual participa e ganha a forma de uma fome de consumo, o que torna a falta uma “variável” constante, assim tornando o mercado maior pela quantidade de famintos e a intensidade da fome (LUSTOZA, 2009). Funciona como um dispositivo que leva os sujeitos a consumirem para consumirem mais.

O tempo de vida do que vai ser consumido se torna um desafio para o mercado pois sua efemeridade faz com que a velocidade de produção seja cada vez maior. O aumento da produtividade se torna tão grande quanto o aumento do desperdício (ALVES NETO, 2007). O gozo se torna um catalisador do consumo, um elemento que faz os sujeitos se tornarem a fonte de um sistema produtivo frenético.

No mais-gozar o objeto a ser consumido se torna a causa de uma de completude, de fechamento da realidade, na qual o excesso do gozo a ser renunciado se torna a causa do desejo (QUINET, 1999). Esse objeto na forma de causa de desejo se mostra como falta, que nunca vai ser preenchida, de maneira que nenhum objeto empírico pode satisfazer. Ele é variável e qualquer tentativa de completar-se é inútil. O desejo se mostra como “falta de nada”. Apesar de sua volatilidade, um ponto “fixo” pode ser visto e ele é esse nada. A sua impossibilidade de ser algo vai deixar restos que causará desejo e esse fluxo eterno deixará sempre uma ausência que Lacan chama de “a”. O “a” sempre é causa de desejo e objeto da pulsão. A pulsão dará a ele o status de objeto apesar de toda sua instabilidade. E esse caráter

de objeto será validade pela fantasia, que o dará a objetividade necessária para se constituir como descrito (LUSTOZA, 2008).

Assim, o mais-gozar se torna um regulador do desejo do sujeito (CHEMAMA, 1997). Para chegar a esse momento, o capitalismo vende as coisas direcionando-as para a satisfação rápida, com traços de espetáculo, tornando cada vez mais próximos o homem e o objeto (MELMAN, 2003). Diferente de outros tempos onde o mais-de-gozar era particular e artesanal, hoje é industrializado, coletivo e facilmente absorvido (LACAN, 2003).

O controle se manifesta não segundo regras industriais mas empresarial. O regime da empresa se mostra em toda a sociedade, desde as instituições mais antigas (como escola e hospitais) até as prisões. Essa configuração vem da mudança do capitalismo. No século XIX havia uma tendência a concentração, produção e propriedade, hoje o norte é a sobreprodução, não mais os produtos mas os serviços. As instituições antes eram analógicas e claras, convergiam a um proprietário ou Estado, atualmente vive-se como em uma empresa onde todos são gerentes e o marketing é a principal ferramenta de controle (DELEUZE, 1992).

Nesse contexto, o mais-de-gozar se torna uma maneira de manipulação. O controle vai para além da população, atinge a vida, a natalidade, os traços genéticos, o funcionamento do corpo e também o gozo que se pode ter, intensificar e restaurar a duras penas (DANZIATO, 2010).

Existe uma regulação do gozo, do seu excesso e não uma política de abertura a ele. O gozo tem uma maneira de ser vivenciado dentro da sociedade, não se trata de uma busca libertina. O sistema não exclui o excesso e usa-o como força, assim impedindo o caos e as revoluções que realmente mudariam as lógicas do viver (ZIZEK, 2008).

### **2.3.2 Fantasia**

Para se obter uma visão mais clara sobre esse conceito, faz necessário entender sobre o inconsciente. Zizek (1996) fala dele como sendo um pensamento fora do pensamento que influencia prematuramente o próprio pensar. O inconsciente assim se mostra como o mestre da realidade vivida pelos seres humanos, seja ela prazerosa ou não. O inconsciente traz para este estudo a possibilidade de existir algo que escapa a percepção ou que a ordene. A maneira, então, de se entender o estado do fôlego passa a ser a partir de elementos que vão além do que os sujeitos estudados possam responder conscientemente. É preciso um olhar mais atento tanto ao contexto, ao que é dito, a como é dito e ao que é não dito.

Para entender as origens desse mecanismo inconsciente é preciso entender que a agência que faz o sujeito agir tem, inicialmente, três termos: o eu ideal, o ideal do eu e o supereu (ZIZEK, 2010). O primeiro trata de como se quer ser visto; o segundo é aquele que será agraciado pelo eu, ou o grande Outro; o último é um punidor das tentativas de construção do eu ideal. Esse ideal do eu, por sua vez, é um ponto de referência para construção das identidades.

Para entender a fantasia, pode-se partir da ideia que a fantasia é um modo de saber das coisas sem estar ciente. É saber o que é algo pelo que isso parece ser, sem passar pela percepção ou consciência. Assim, a realidade nada mais é do que uma produção fantasiosa, uma espécie de holograma que evita o nosso contato com os fatos em si, isto é, nos previne do Real. Os outros também participam da construção da fantasia. Ela é uma resposta a esse outro, uma construção interna a partir do que é externo a nós e mediado pelos outros em nossas vidas (ZIZEK, 2010).

A dinâmica de construção da fantasia, baseada na teoria de Zizek, é explicada mais a fundo por Safatle (2003). Ela pode ser vista como uma objetividade fantasmática social. O desejo é estruturado pela fantasia para que o gozo seja alcançado. Dessa forma os sujeitos projetam a libido nos objetos empíricos, fogem da angústia e significados são criados. Como a

fantasia é também um produto social, o gozo vai depender os outros, criando assim essa objetividade fantasmática social.

A cultura também interfere na dinâmica da fantasia. A cultura, segundo Freud (1997), é uma regulador das relações humanas. Poli (2004) afirma que, diante desse controle, duas respostas podem surgir: a neurose ou o perverso. Para que a pulsão sexual se realize, o perverso se realiza através da fantasia (VALLAS, 1990). É por meio da fantasia que se pode ter prazer mesmo com as limitações da realidade (ZIZEK, 2010).

Na cultura, essa perversão conseguida pela fantasia pode ser produzida pelo objeto-fetice (LACAN, 1997). Esse termo designa que o consumo das coisas não se dá por conseguir as coisas em si, mas pela sua alma (FONTENELLE, 2005) e pela sua relação com o que está ao seu redor (ZIZEK, 1996), ele é fruto do contexto. Essa relação contextual pode ser entendida como, por exemplo, na relação rei e súdito: não há rei sem súdito, nem súdito sem rei, esses dois papéis se dão pela relação entre eles mesmos (ZIZEK, 1996). Essa alma é apenas aparência, que, por sua vez, é entendida pelos sujeitos como sinais profundos do que eles são (SENETT, 1988). Essa imagem é o que desperta o desejo, o valor (FONTENELLE, 2005) e a fantasia é que vai sustentar essa realidade construída (SAFATLE, 2003).

Existe ainda outro elemento estruturador dessa dinâmica. Junto com o eu ideal, o ideal do eu e o superego, há o que Lacan chama de lei do desejo (ZIZEK, 2010). É essa lei que vai obrigar o sujeito a fantasiar e, conseqüentemente, gozar (LACAN, 1998). Essa lei diz para seguir os desejos, correndo o risco de ser punido pelo superego caso esse desejo não seja perseguido (ZIZEK, 2010).

Então, nessa busca por entender o folião em uma manifestação como a dos Papangus, faz-se necessário entender como esse sujeito enxerga as coisas ou como ele vê a própria realidade. Lacan revisto por Zizek (2010) mostra a realidade dos humanos constituída por três níveis que interagem entre si: o simbólico, o imaginário e o real. O simbólico é o nível que

trata das regras que a realidade impõe; o imaginário se trata das formas de representação da realidade e o real seriam os acontecimentos em si, as ações feitas pelos sujeitos e tudo diretamente relacionado a isso. Zizek (2010) fala desses níveis como um jogo de xadrez: o simbólico seriam as regras do jogo; o imaginário, a forma das peças (cavalo, peão etc) e o real as circunstâncias do jogo, o modo de jogar e assim por diante. No nível simbólico está a operação do grande Outro, que seria um agente formador do sujeito baseado na exterioridade, isto é, no que se imagina estar fora do sujeito e que interage com ele. O grande Outro é uma concepção teórica que expressa o que indivíduo imagina que os outros acham que ele é; a partir da observação de si mesmo, como se fosse outra pessoa, é que nós nos enxergamos, diz Lacan. É através do grande Outro que é possível um humano entender a si mesmo, isto é, são referências fora dele que o fazem compreender quem ele é. Então é no nível do simbólico que este trabalho irá se debruçar.

Davidson (2012) mostra como a fantasia age em um contexto social mais complexo. Em seu estudo, o autor questiona a impossibilidade de existir uma cidade sustentável com altos níveis de consumo. O paradoxo seria conciliado psiquicamente pela ação da fantasia. Os inconvenientes de uma lógica de mercado destrutiva seriam transformados em uma esperança fantasiosa de produção sustentável. Caso contrário, seria um martírio para os habitantes de uma metrópole conviver com a certeza de um final desastroso.

Em grandes festas como a Folia do Papangu, discursos sustentam realidades responsáveis pelo estado de prazer existente nesses eventos. Há a construção de um mundo mágico que faz os consumidores regozijarem e esquecerem mecanismos de controle. Sendo direto, capital utiliza elementos especiais para levar as pessoas ao consumo, aumentando os lucros e se esquivando desse mérito (ZIZEK, 2011).

### 3 Procedimentos metodológicos

---

Esta pesquisa se configura como pesquisa qualitativa básica, aquela em que se descreve, interpreta e se entendem persistências em temas de determinado fenômeno (MERRIAM, 1998).

Também se configura como pesquisa pós-estruturalista. Segundo Wylie (2006) este tipo de pesquisa se caracteriza por questionar o que se passa como verdade cristalizada, não parte de estruturas rígidas de como a sociedade funciona ou deve funcionar, faz sua análise com base em um sistema de diferenças e identifica formas de poder na sociedade. Esta pesquisa questiona verdades construídas sobre a Folia do Papangu, tais como a presença de uma tradição; também não parte de normas rígidas de como a sociedade funciona, bastando-se o entendimento do fenômeno social estudado; parte da análise de unidades discursivas que emergem pelas suas diferenças entre as partes, veja-se o uso de enunciados da análise de discurso foucaultiana; e procura compreender as forças que orientam a folia na festa.

Adotou-se a análise do discurso foucaultiana, uma estratégia que identifica as condições de existência de uma verdade ao se debruçar sobre formações discursivas (FOUCAULT, 2009).

O estudo se baseia na busca por indícios dessa verdade dentro de um determinado universo social de signos. Isso através do estudo de relações convergentes e divergentes de elementos que compõem essa verdade. Consideremos que o termo “universo social” implica que essa verdade é construída sócio historicamente, excluindo a ideia de verdade universal (FOUCAULT, 2009). Os signos desse universo social são analisados quanto a seu posicionamento dentro de uma rede de relações, que, por sua vez, determina os significados das coisas que sustentam a verdade nas formações discursivas (THIRY-CHERQUES, 2008).

A análise se dá em três níveis. O primeiro foca nos agentes discursivos e busca constâncias e inconstâncias de significado construídos (COSTA; LEÃO, 2011). Um elemento-chave nesse para esse nível de análise é o enunciado. Ele é composto por um conjunto de signos que formam significados e vão além da linguagem: são compreensões abstratas e unidas por um significado formador de sentido para análise (FOUCAULT, 2009; FISCHER, 2001). Os enunciados não são frases, mas sim unidades de significado que tornam mais claro o saber que sustenta a verdade estudada (FOUCAULT, 2009).

Nesse nível, aconteceu o primeiro contato com os dados. A fim de responder a pergunta de pesquisa e partir dos pontos de vista de quem partia o discurso, foram entendidos certos pontos de vista e afirmações que direcionavam a pesquisa, eis a construção dos enunciados. Foram levados em conta os pontos de vista dos foliões, do pesquisador através das fotos e registros de campo e das instituições junto com a mídia por meio de notícias.

Uma vez encontrados os enunciados, parte-se para um segundo nível. Nessa fase são buscadas as funções exercidas pelos enunciados nas práticas discursivas (COSTA; LEÃO, 2011). Relações de convergência e divergência são buscadas afim de construir conjuntos de enunciados com determinado sentido para essa fase da análise (COSTA; LEÃO, 2011).

As funções emergiram a partir dos conjuntos de enunciados e como elas respondiam a pergunta de pesquisa. Esses enunciados em grupos apontam para uma determinada função enunciativa, algum objetivo dentro da dinâmica do discurso.

O terceiro nível de análise parte então das funções enunciativas para encontrar finalmente regras de formações discursivas que compõem a já citada verdade que fora construída sócio historicamente (FOUCAULT, 2009). Esse movimento de buscar arranjos maiores nas relações entre as particularidades de sentido vão dar a possibilidade de se revelar as condições de formação da verdade no universo discursivo estudado. Por fim, a partir das regras, são encontradas as formações discursivas.

A partir das relações entre enunciados e funções foi possível entender melhor o discurso em questão. A maneira de entender essa teia de significados é a partir da ideia das regras citadas por Foucault (2009) que orientam a reflexão não só das relações anteriores às regras mas das conseqüentes formações discursivas.

O corpus foi composto de documentos os quais tragam em si os discursos estudados na análise do discurso foucaultiana, considerando o momento histórico específico em questão (FOUCAULT, 2009).

Três tipos de dados foram utilizados no corpus: o de entrevistas, o advindo de fotografias e o de matérias que envolviam instituições organizadoras e a festa. A multiplicidade de fontes de dados permite uma análise mais completa (DE SORDI; TASHISAWA, 2013), ainda mais em um tipo de análise que busca tecer relações convergentes e divergentes de significados (COSTA; LEÃO, 2011). Além disso, as fontes não-verbais se mostram como pertinentes, já que até os enunciados são “acontecimentos que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2009).

A coleta dos dados via entrevistas foi feita nos moldes de entrevista etnográfica. Segundo Flick (2009), a fim de observar elementos culturais, essa entrevista lança perguntas aos poucos e insere elementos novos para que o entrevistado fale e revele informações pertinentes. Os foliões foram abordados no meio da festa. Um gravador de áudio foi utilizado. Esse instrumento facilitou a coleta devido a sua alta capacidade de captar sons mesmo em meio ao barulho existente. Nos intervalos entre as entrevistas eram feitas as observações de campo através também do próprio gravador de áudio. Comentários sobre a festa e os entrevistados foram feitos. No total foram gravados 41 arquivos de entrevista com três minutos de áudio em média. As observações renderam ao fim 30 arquivos de um minuto em média.

A coleta dos dados visuais foi feita com base em fotografias. Sobre isso Loizos (2008) informa que é necessário saber como foram feitas as fotografias, inclusive se foram editadas ou não, pois estas baseiam-se em uma realidade a ser estudada. As fotografias foram feitas em meio a Folia do Papangu enquanto ela acontece sem qualquer alteração digital. As imagens registram desde o ambiente da festa (como decoração e estrutura de palcos) até as atividades dos foliões (suas fantasias, o que consumiam, sua organização no meio da multidão). Ao todo 244 imagens foram coletadas.

Já as matérias sobre o evento e as instituições organizadoras foi feito através do buscador *Google*. Buscou-se matérias que falassem das instituições envolvida na festa e, claro, da própria Folia do Papangu. Isso gerou 122 arquivos separados segundo as instituições envolvidas: EMPETUR, FUNDARPE, Governo de Pernambuco, Prefeitura de Bezerros e Secretaria de turismo de Pernambuco.

O processo de coleta de dados se iniciou com a construção de perguntas que guiassem as entrevistas. Foram feitas perguntas para que os entrevistados falassem livremente sobre a festa de início, seguidas por perguntas direcionadas para elucidação de alguns pontos e tópicos pertinentes para a teoria escolhida para estudar a festa sem, no entanto, direcionar totalmente o que lhe é falado, preservando ao máximo a naturalidade do que era dito, evitando vieses. Uma vez tendo feito as perguntas, foram escolhidos os dias de visita a festa. Devido a escassez de recursos, as visitas foram otimizadas em dois dias por carnaval. Em 2013 foi feita uma visita exploratória para entender melhor a festa, apesar de anotações e fotografias terem sido feitas. Essa visita serviu para discussão dos rumos da pesquisa, definir melhor as escolhas teóricas e metodológicas. Em 2014 foi feita uma segunda visita já com teoria e métodos bem definidos. Foi mais uma visita de dois dias com entrevistas, fotografias e eventuais anotações. Após o debruçar sobre esses dados foi possível entender que o ponto de

vista das instituições envolvidas na organização deixaria o trabalho mais rico. Deu-se então a coleta dos dados via internet sobre o envolvimento das instituições na organização.

Além disso, critérios para composição do corpus mencionados por Bauer e Gaskell (2000) foram seguidos. A relevância dos dados coletados deu-se pelo cuidado de entrevistar foliões que estavam brincando na festa, no meio da multidão; as fotografias foram tiradas para entender melhor a folia, as pessoas envolvidas e a estrutura ao redor; os textos retirados da mídia via internet foram selecionados por se referirem a festa e a instituições envolvidas nela.

Também foi respeitado o critério da homogeneidade do corpus. As entrevistas foram organizadas separadamente das fotografias e dos textos da internet. Os dados foram agrupados de acordo com o seu tipo.

Um recorte histórico também foi feito. Os dados dizem respeito aos carnavais de 2013 e 2014. No caso das fotos e entrevistas, o material foi coletado durante os carnavais desses anos. O material coletado da internet também respeitou esse recorte e todos os textos se referem a esse espaço de tempo.

Um outro critério seguido foi o da saturação. Os dados foram coletados considerando a diversidade dos grupos de foliões e instituições, passando por uma triagem que revelava se a qualidade dos dados era suficiente ou mais dados eram necessários.

Para garantir a qualidade da pesquisa foram utilizados procedimentos de triangulação, reflexividade, construção de corpus de pesquisa e descrição rica (PAIVA et al, 2011).

A triangulação foi feita pela discussão das análises entre mais de um pesquisador afim de eliminar ao máximo conclusões equivocadas. Através da convergência (GUION, 2011) das visões dos pesquisadores envolvidos, foi possível chegar a resultados menos discrepantes e mais inteligíveis.

A reflexividade foi feita a partir de constante reflexão sobre toda a análise, considerando as mudanças de posicionamento do pesquisador. No caso, uma atenção especial aos achados foi dada para que fosse verificado a mudança do olhar do pesquisador ao longo do estudo.

O corpus foi construído em sintonia com a análise, de modo a facilitar a busca e o registro necessários a pesquisa. O tamanho do corpus foi orientado pela saturação, isto é, repetição excessiva de achados na coleta de dados.

A descrição rica dos resultados atendeu a necessidade do melhor entendimento possível do que foi encontrado, tendo em vista que descrições econômicas poderiam omitir dados importantes e empobrecer o entendimento.

## 4 Apresentação dos resultados

---

A pesquisa encontrou como resultado duas formações discursivas: A tradição dos Papangus é uma fantasia e A Folia dos Papangus é operada como dispositivo do gozo. Para se chegar nessas formações, emergiram também dos dados 13 enunciados, 9 funções enunciativas e 3 regras de formação discursiva. A figura 1 mostra toda o feixe de relações das formações discursivas em um mapa.

O mapa permite a visualização dos feixes de enunciados que compõem as formações discursivas. Da esquerda para a direita temos os enunciados, as funções enunciativas, as regras de formação discursiva e as formações discursivas. Na parte superior, em tons claros, estão os elementos discursivos mais intensamente relacionados com a formação discursiva “A tradição dos Papangus é uma fantasia”; mais abaixo, em tons escurecidos, estão aqueles mais intensamente relacionados com a formação “A Folia do Papangu é operada como dispositivo do gozo”.

A primeira coluna, em verde, no canto esquerdo, expõe os enunciados, que são os elementos que emergem de início na análise foucaultiana. No total são 13 enunciados. Eles estão expostos em cores esverdeadas. São três tons de cores que trazem cada um uma informação diferente. O tom mais claro que colore os seis primeiros enunciados está dessa forma pois se relaciona mais intensamente com a formação “A tradição dos Papangus é uma fantasia”. Eles se relacionam mais vezes às mesmas funções enunciativas. No meio, temos três enunciados com tonalidades intermediárias por se relacionarem tanto a elementos na parte mais superior, quanto nas partes centrais e inferiores. São enunciados que levam às duas formações discursivas. Logo abaixo, é possível ver quatro enunciados em tons mais escuros. Estes se relacionam mais vezes às mesmas funções abaixo do mapa e guiam mais claramente

a formação discursiva “A Folia do Papangu é operada como dispositivo do gozo”. A tabela 01 mostra cada enunciado e sua respectiva definição.

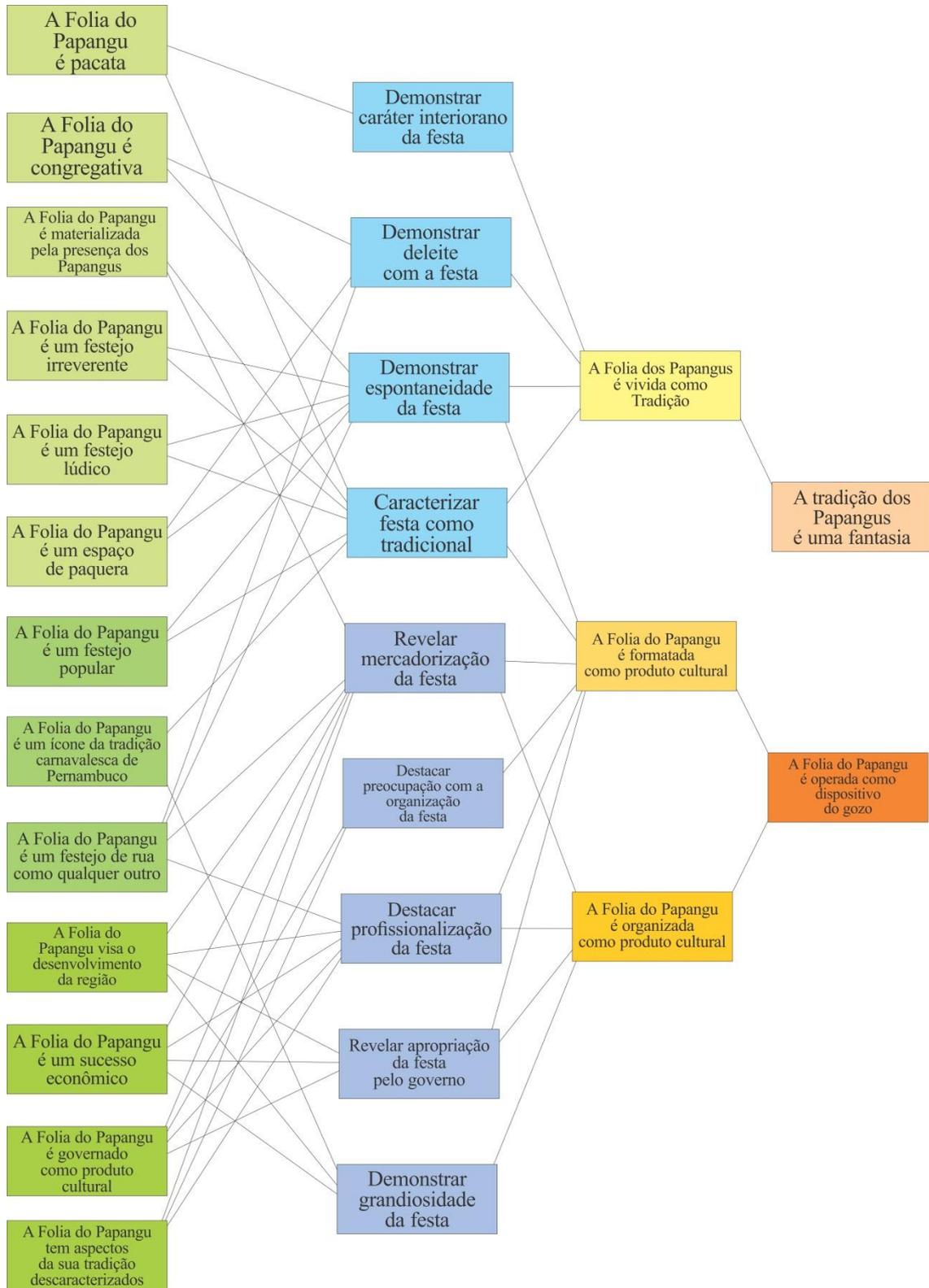


Figura 1 - Mapa geral de enunciados, funções, regras e formações discursivas. Fonte: Próprio autor

Tabela 01 – Enunciados e suas descrições

Enunciado	Descrição
A Folia do Papangu é pacata	A enunciação aqui é de que a festa é um espaço de folia moderado, adequado para uma experiência sem grandes preocupações. Os dados mostram esse enunciado através de concepções de que a festa não tem briga, não tem confusão, é segura, tem policiamento; as pessoas que brincam o carnaval de Bezerros também são tranquilas, tem educação, um grupo que abarca desde crianças até idosos, um grupo de folia que leva a família para a festa; os espaços da festa não são muito tumultuados, tendo alguns espaços para se locomover.
A Folia do Papangu é congregativa	O enunciado pronuncia que a festa agrega pessoas através de brincadeiras, companhia e solidariedade. Esse enunciado aparece nas brincadeiras entre foliões, sejam eles turistas, moradores ou Papangus; nos grupos de amigos que se fantasiam juntos ou simplesmente andam juntos pela cidade; nas multidões que formam o brincar coletivo; nos grupos organizados com o objetivo comum de animar a festa; nas conversas pelas quais os foliões desenvolvem laços e a ajuda que alguns dão aos outros para superar eventuais problemas na festa.
A Folia do Papangu é materializada pela presença dos Papangus	A enunciação aqui é a de que a festa faz do Papangu um elemento basilar e central para a festa. Este enunciado se mostra nos dados pelas afirmações dos foliões de que os Papangus são a causa e o motivo da festa, chegando ao ponto de ser dizer que a falta dos Papangus descaracteriza tal manifestação carnavalesca; pela ideia de que faz parte da tradição ter os Papangus na festa; por fim, nas notícias que falam de Bezerros como “Terra do Papangu” os Papangus, suas máscaras e outros elementos são as atrações da cidade.
A Folia do Papangu é um festejo irreverente	A enunciação aqui é de que a festa descontraí, relaxa e provoca. Esse enunciado aparece nos dados quando se notam as pessoas vestidas com fantasias bem humoradas e um romper de regras; nas práticas que tem como objetivo a provocação, perdendo até o respeito em prol da folia; também o pouco cuidado que uns foliões têm com os outros nas ações ao longo dos focos da festa.
A Folia do Papangu é um festejo lúdico	O enunciado é composto por práticas tais como o folião mostrar seu encantamento como a festa falando de uma certa magia que existe nas atividades festivas; através de declarações como a Folia do Papangu ser a melhor festa do Brasil, “tudo é bom”, “é maravilhoso”; na irreverência das brincadeiras, na tranquilidade do lugar envolvia na folia, própria beleza estética da festa e na animação; pode-se ver ainda as brincadeiras dos Papangus que levam carros, violões, surpresas, provocações e criatividade nos seus jogos lúdicos com os demais presentes.
A Folia do Papangu é um espaço de paquera	O enunciado pronuncia que a festa é um ambiente propício para práticas afetivas. Esse enunciado é notado quando os foliões mostram o uso que fazem da festa na forma de um lugar onde se pode conhecer novas pessoas e procurar relacionamentos; eles procuram uma conexão com o outro através de conversas a pouca distância; vê-se também danças a dois, seja entre foliões seja entre foliões e Papangus; também é possível notar os casais formados e que se utilizam da festa como local para beijos, abraços e carinhos.
A Folia do Papangu é um festejo popular	O enunciado pronuncia que a festa é fruto da participação dos espectadores e não só daqueles que organizam a festa. Esse enunciado fica evidente com a participação das famílias na festa, seja nos camarotes feitos nas casas seja no chão junto com o grande grupo de foliões; os grupos que juntos criam uma dinâmica coletiva; as pessoas de idade e também crianças que compõem a festa com heterogeneidade; o carnaval sem cordas que permite a participação de todos; a criatividade por meio da qual qualquer um pode interagir e

	compor a festa.
--	-----------------

Tabela 01 – Enunciados e suas descrições (continuação)

A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco	A enunciação é de que a festa é um foco de elementos do carnaval pernambucano e também traz o prestígio de ser uma festa importante para a região. Esse enunciado se mostra quando se vê os maracatus, as alfaias, os estandartes, os blocos, as orquestras de frevo, as bandas de ritmos regionais, as fantasias de figuras históricas da região (como Lampião), a bandeira de Pernambuco e diversos outros elementos característicos do carnaval e da cultura de Pernambuco que estão presentes na Folia do Papangu, além da notoriedade de ser um carnaval importante em Pernambuco.
A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro	A enunciação é a de que a festa é apenas uma festa, sem necessidade de comportamentos especiais. Aqui o enunciado fica evidente quando a festa é vista como um lugar para diversão independente de qual diversão seja, como a visão simplista de que a Folia do Papangu é um lugar para sair e se divertir; os elementos estéticos variados encontrados na festa dão a ideia de que é um lugar comum, onde não necessariamente é preciso estar caracterizado de acordo com alguma referência histórica local; as pessoas bebem e se comportam como em qualquer outra festa ao ar livre, andam com suas bebidas e se interessam ou não pelos acontecimentos ao seu redor.
A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região	A ideia do enunciado é a de que a festa tem um papel importante para o desenvolvimento da região. Aqui o enunciado se mostra com notícias de que a SETUR, o governo do Estado e a EMPETUR investiram no carnaval de Bezerros pelo seu potencial de retorno econômico; a contribuição da Folia do Papangu para a interiorização do Carnaval; e o investimento do setor privado pela perspectiva de divulgação e rentabilidade.
A Folia do Papangu é um sucesso econômico	O enunciado pronuncia que a festa se destaca pelo seu bom desempenho econômico. É visto através de constatações de que é uma festa rentável; de que é uma “grande festa”, considerada um sucesso; pela movimentação significativa do turismo da região; e pelo reconhecimento de figuras públicas de que o carnaval de Bezerros cresceu.
A Folia do Papangu é governada como produto cultural	A enunciação é a de que a festa se tornou um produto para consumidores-foliões. Nos dados se vê a preocupação com o formato da festa ser adequado aos foliões, como a alocação dos sanitários e palcos; se vê a beleza se tornar um objeto de recordação da festa através de fotografias; a intenção de foliões de que a festa delimite quem vai estar presente e quem não vai, selecionando o público como em um clube; na comparação da organização da Folia do Papangu com outras manifestações carnavalescas afim de identificar qual é a melhor festa; no formato de organização das atrações da festa, com blocos que desfilam em uma rua específica e bandas em palcos estrategicamente localizados, tudo em seu horário devido; os pontos de venda de comida, bebida e diversos objetos relacionados a festa, inclusive aqueles direcionados a compor uma fantasia de Papangu; a presença de das marcas mostrando que a festa foi patrocinada também pelo setor privado; na própria decoração da festa que faz o folião se perceber dentro de uma festa; nas notícias que falam que a festa foi organizada por órgãos governamentais tais como EMPETUR, Prefeitura de Bezerros e FUNDARPE.

Tabela 01 – Enunciados e suas descrições (continuação)

A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados	A enunciação aqui é a de que a festa perde características que antes tinha, o que desconfigura o que se entendia por tradição. O enunciado fica evidente quando se observam as constatações que a festa conta com menos Papangus do que antes havia; de que algumas atrações que existiam, como o banho público, não existem mais; a grande presença de propagandas componentes do que foi chamado “lixo aéreo”, isto é, a grande proliferação para todos os lados de imagens que divulgam as empresas privadas envolvidas no evento; a mudança dos traços dos Papangus, apontando para uma modernização; a presença de menos blocos do que antigamente; a interferência de visitantes como as pessoas que vem da capital; a não dispersão da folia pela cidade, localizando-a agora apenas em determinados focos; o comportamento docilizado dos Papangus em contraste com as brincadeiras agressivas do passado.
---	--

Fonte: Elaboração do autor

Na coluna à direita dos enunciados estão as funções enunciativas. Essas funções vêm do corpus e a partir dos enunciados, dando a eles uma finalidade dentro do discurso. As funções são 9: “Demonstrar caráter interiorano da festa”, “Demonstrar deleite com a festa”, “Demonstrar espontaneidade da festa”, “Caracterizar festa como tradicional”, “Revelar mercadorização da festa”, “Destacar preocupação com a organização da festa”, “Destacar profissionalização da festa”, “Revelar apropriação da festa pelo governo” e “Demonstrar grandiosidade da festa”. Não é à toa que toda função aparece com um verbo no infinitivo, elas mostram práticas discursivas sendo executadas para determinado fim. As funções enunciativas também estão coloridas sob a mesma lógica de tonalidades e localização espaciais descritas para os enunciados, apenas mudando o número de tons e a diferente das cores. As funções e suas descrições estão na tabela 02.

Os enunciados e funções, juntos, dão material para o estudo das regras. As regras, por sua vez, são compostas de objetos, modalidades, conceitos e estratégias. Esses quatro elementos foram identificados e entendidos na sua dinâmica para que emergissem as regras. Por serem consequências do jogo de enunciados e funções, as regras são colocadas no mapa

logo depois delas. A pesquisa deu luz a 3 regras: “A Folia do Papangu é vivida como tradição”, “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural” e “A Folia do Papangu é organizada como produto cultural”. A primeira regra traz a ideia de tradição discutida no referencial teórico, algo que é vivido e não algo como existe em todos os níveis da existência. As duas outras regras dizem respeito a como a folia é formatada e organizada, dizendo respeito, respectivamente, a festa no nível de produto e no nível de estrutura organizada. As regras estão descritas juntamente com as formações discursivas a que se referem nas seções seguintes.

<b>Função</b>	<b>Descrição</b>
Demonstrar caráter interiorano da festa	Essa função demonstra o a tranquilidade que permeia a festa. Nos dados é possível notá-la através dos relatos dos foliões satisfeitos com a paz, a polidez e a segurança que a infraestrutura da festa e as pessoas brincantes tornam possíveis.
Demonstrar deleite com a festa	Essa função demonstra o contentamento daqueles que experimentam o carnaval de Bezerros. No corpus fica evidente por meio das reações e relatos de como a festa gera sensações agradáveis relacionadas a outras pessoas e suas atrações.
Demonstrar a espontaneidade da festa	Essa função traz ao discurso a ideia de que a festa é algo espontâneo, fruto puramente das relações sociais existentes no evento. Nos dados é possível enxergá-la nas descrições dos foliões de como está sendo sua experiência da festa, o que é evidenciado por um viés humanista, afetivo, fraterno e lúdico.
Caracterizar festa como tradicional	Essa função mostra a festa como se fosse algo fruto de uma tradição histórica, algo típico da região onde se localiza. Nos dados ela se mostra na visão romântica dos foliões e na imagem construída pela mídia para atrair turistas.
Revelar mercadorização da festa	A função revela que a festa é uma mercadoria. Nos dados a função fica clara quando se mostra elementos culturais como produtos a serem consumidos e a preocupação com a função econômica da festa.
Destacar preocupação com a organização da festa	Essa função destaca um olhar mais atento sobre a formatação da festa, suas mudanças e alguns aspectos que parecem intrigantes para os foliões. Nos dados os foliões comentam sobre como a festa está bem ou mal organizada e como a festa mudou ou não mudou ao de sua história.
Destacar profissionalização da festa	A função destaca a competência existente na transformação da festa em um evento bem sucedido. É possível enxergar no corpus referências a como a festa adquiriu o caráter de produto cultural, como a experiência da festa está formatada de acordo com as expectativas dos foliões e como a organização da festa conseguiu obter resultados econômicos significativos.
Revelar apropriação da festa pelo governo	Essa função revela o envolvimento de instituições governamentais na organização da festa. Nos dados é possível encontrar referências a como o governo teve participação da festa desde sua formatação até o crédito pelos resultados obtidos.
Demonstrar grandiosidade	Essa função demonstra a relevante importância que adquiriu a Folia do

da festa	Papangu, seja ela simbólica ou economicamente. Ela se mostra nos dados por meio de foliões quando falam da importância cultural da festa em Pernambuco e também se mostra por meio da mídia quando ressalta a relevância econômica da Folia do Papangu, suas máscaras e outros elementos são as atrações da cidade.
----------	---

Tabela 02 – Funções enunciativas e suas descrições

Fonte: Elaboração do autor

As regras levam, por fim, às formações discursivas. Desse jogo discursivo emergiram duas formações: “A tradição dos Papangus é uma fantasia” e “A Folia do Papangu é operada como dispositivo do gozo”. Nas duas formações aparece a teoria que trata da fantasia e do gozo na dinâmica de consumo capitalista. As formações mostram, assim, duas maneiras complementares de entender a folia: a tradição aparece como fantasia pela qual o dispositivo de gozo se utiliza para exercer o controle dos que experimentam a festa.

## **4.1 A Folia do Papangu é operada como dispositivo do Gozo**

Como resultado foram encontradas duas formações discursivas. Uma delas foi chamada de “A Folia do Papangu é operada como dispositivo do Gozo”. Essa formação evidencia como o gozo é controlado na festa, que se utiliza de elementos culturais como produtos para alcançar os resultados almejados pelos organizadores.

Essa formação conta com duas regras que se conectam a 7 funções enunciativas e a 13 enunciados. Essas relações são mostradas no mapa da figura 2. Em seguida, é mostrada a dinâmica do dispositivo do gozo na Folia do Papangu, as regras que sustentam essa formação e as suas relações com as demais funções e enunciados.

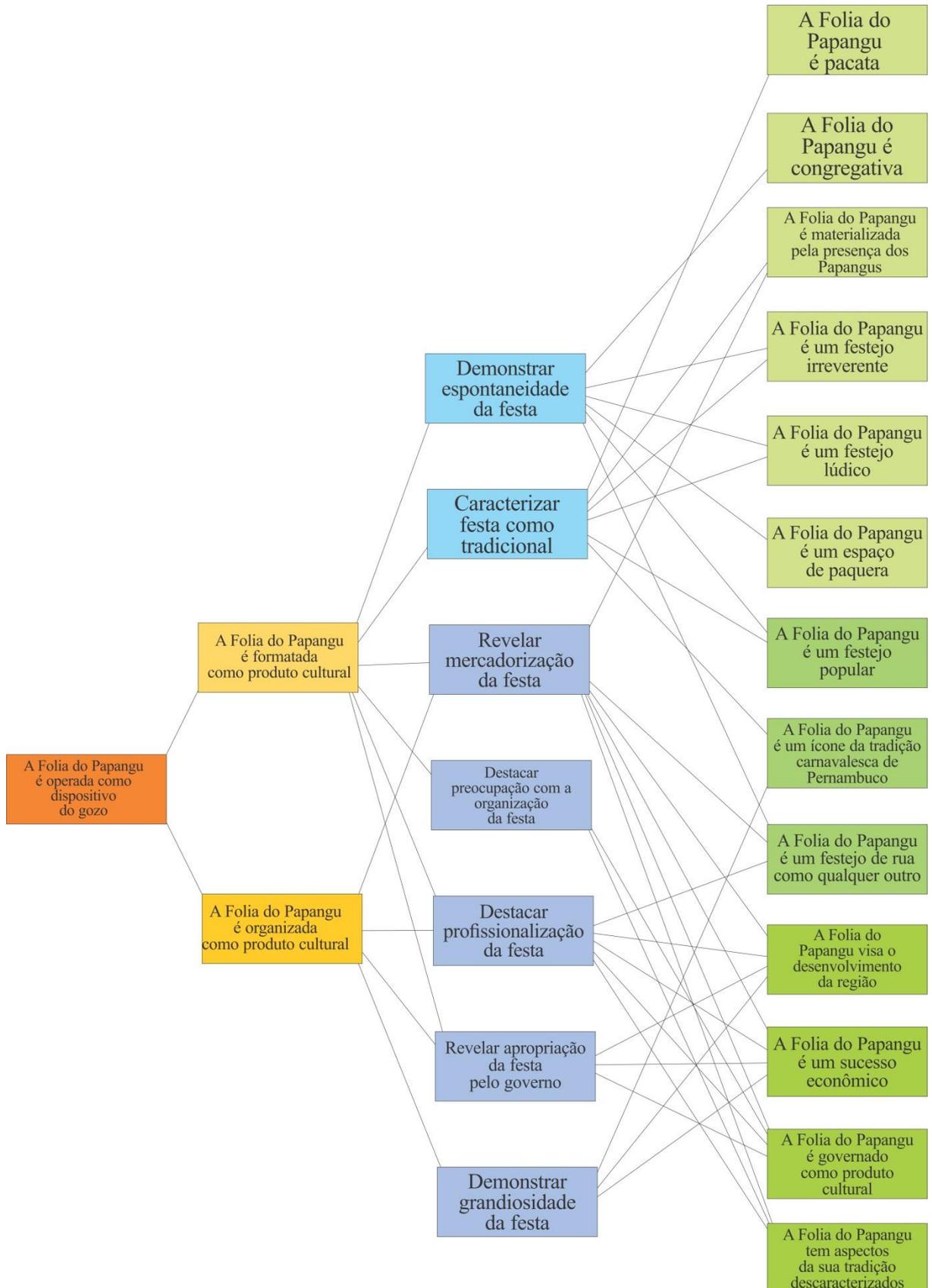


Figura 2 - Mapa a partir da formação discursiva “A Folia do Papangu é operado como dispositivo do gozo”

Fonte: Elaboração do autor

### 4.1.1 Dispositivo do gozo na Folia do Papangu

O Folia do Papangu é um conjunto de práticas que acontece durante o carnaval em Bezerros. Através dos dados é possível imaginar diversas práticas que compõem rituais a serem vividos pelos foliões.

A figura 3 mostra dois desses foliões em destaque no meio da folia. Eles estão vestidos para a festa, estão juntos de várias outras pessoas que compartilham da experiência de estar nesse bloco, eles enfrentam o calor desse lugar nessa época do ano, entre outros elementos que caracterizam a festa. A experiência com todas essas coisas constitui a Folia do Papangu como um ritual.



Figura 3 - Foliões no bloco Urso Pão  
Fonte: Foto tirada pelo autor

Ainda na intenção de visualizar esse ritual, pode-se observar o seguinte trecho de uma entrevista, na qual um folião de fora do Estado no momento da festa responde ao que o atrai para participar da Folia do Papangu:

*R – O que é que tu gosta no carnaval daqui?*

*A9 – Acho que o carnaval daqui o pessoal é assim bem irreverente, cada um tem sua fantasia, é um carnaval tranquilo, bem sossegado e o pessoal, tipo, cada um brinca a vontade, entendeu? Então, assim, não tem aquela frescura de carnaval, ah, porque tem que pagar pra tá atrás de um trio dentro de um camarote, cada um que venha com sua fantasia.*

No trecho acima, pode-se perceber que é esperado da festa irreverência, o contato com uma série de pessoas fantasiadas, uma certa tranquilidade nos modos de se brincar que permita ao mesmo tempo liberdade e espaço seguro para a individualidade.

Essa satisfação por participar de um ritual pode ser entendida aqui como a satisfação de experimentar situações como a descrita e que pode se ver na foto. Não está necessariamente atrelado a alegria ou felicidade, podendo até mesmo a chegar a instâncias distantes dessas mas se refere a passar por essa experiência, esse ritual montado e esperado nessa época do ano.

O gozar é uma ordem que entra em sintonia com o regime capitalista de promessas perfeitas para esse gozo. O encontro entre essa ordem e essas promessas foram observados na Folia do Papangu. Nota-se uma ampla divulgação da festa feita para atração de foliões. Em uma notícia veiculada no site da EMPETUR, são expostos os cuidados governamentais nesse sentido:

*A Empetur faz em 2010 a maior campanha de promoção do carnaval de Pernambuco já realizada nos últimos 10 anos. Ao todo, estão sendo investidos mais de R\$ 3,6 milhões em mídia nos principais mercados emissores do País: São Paulo (capital e interior), Rio de*

*Janeiro, Brasília, Minas Gerais e região Nordeste. Em 2009, a publicidade ficou orçada em R\$ 2,5 milhões.*

A Folia do Papangu é então divulgada como um evento, como uma festa que precisa de convidados, como um produto que precisa ser divulgado para que atraia os consumidores. Que promessas são essas? Podemos notar em outra notícia o conteúdo das promessas de gozo disseminadas pela mídia, através deste trecho publicado pelo então secretário do turismo e veiculado em um site especializado em eventos:

*Centenas de grupos de Papangu e troças revivem as tradições do Carnaval pernambucano durante os quatro dias de folia. Em Bezerros; município distante 107 quilômetros do Recife; na região de Serra Negra; a cidade de 59 mil habitantes recebe nestes dias de festa um público superior a 300 mil visitantes atraídos pela folia dos Papangus; conhecidos por suas máscaras coloridas feitas em papel machê retratando personagens e figuras folclóricas.*

O texto se refere a tradição dos Papangus como algo a ser revivido, como se ao mesmo tempo ele estivesse morto mas vivo por alguns momentos carnavalescos. Aqui há uma promessa de experiência da tradição. Esta pesquisa irá mostrar mais adiante como se situa essa ideia de tradição na Folia do Papangu, mas por enquanto é suficiente entender que muito do ritual que se espera viver na festa se configura como essa tradição.

Já dentro da festa, é possível perceber mais do que a suposta tradição. Elementos mercadológicos estão por toda a parte e também fazem parte das promessas de gozo. Na figura 4 é possível ver uma barraca de lanches armada em um dos focos da festa. O lanche é um dos momentos observados nesse ritual da folia. Na cena, os dizeres “vem que é gostoso” se mostra como algo além de um informativo de local de lanches, é um chamado, é uma promessa de gozo. Da mesma maneira que parece não ser suficiente chamar os foliões para uma festa e chama-los para reviver uma tradição, aqui não é suficiente dizer que vendem-se lanches, mas que ali está algo gostoso, algo que deve ser consumido, algo que deve ser

experimentado para se alcançar a satisfação esperada da experiência da festa. O contexto reforça essa mensagem se se notar que uma festa é de fato um lugar que ativa o apetite, que as pessoas consumindo ao redor da barraca atizam o desejo e a própria condição da festa carnavalesca como local de permissão de realização desses desejos, como local antitético ao comedimento, reforça a condução ao consumo de lanches. É possível dizer até que essa faixa poderia estar em qualquer festa com os dizeres levemente trocados para: “vem que é gozozo”, se considerarmos a ordem de gozo do superego e a promessa de gozo que as construções sociais trazem para festas desse tipo.



Figura 4 - Barraca “Vem que é gostoso”  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O folião se apresenta em Bezerros e tem diante de si infinitas possibilidades de gozo. Como dito anteriormente, um dos elementos desse ritual é brincadeira, sua animação e tranquilidade. No entanto, isso não parece ser suficiente. Então vê-se cenas como a da figura 5, na qual não apenas se brinca o carnaval mas também faz-se fotos dele. Sempre há mais convites, sempre há outro Papangu para tirar foto, sempre há outra troça, outra pessoa para brincar, conversar ou paquerar. O excesso de convites se apresenta então livre para o seu usufruto, dando condições para o mais-gozar, o gozo que não é completo e substituído por outro gozo.



Figura 5 - Foliões posam para foto  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O desejo por mais gozo então se torna o próprio desejo, desejo nem que seja por mais promessas, surge um direcionamento de existir sempre mais a ser experimentado. Dito isso, observe-se o seguinte trecho de uma entrevista feita com um folião local:

*R – O que tu acha da organização da festa assim, acha que afeta em alguma coisa, influencia?*

*A13 – Este ano como todos os anos pra trás cada ano que se passa se torna melhor, mais bonita, as casas mais enfeitadas, os Papangus, novos Papangus, todo os anos a intenção é sempre aumentar, mais Papangus, mais enfeite, tudo.*

O entrevistado já está na folia por um bom tempo, considerando que essa entrevista foi feita após vários desfiles de blocos do domingo, o dia mais agitado da festa. Mesmo assim, ele se refere a festa como algo ainda por crescer, algo a ser alimentado para gerar mais experiências, novos Papangus, mais enfeites ou simplesmente “sempre aumentar”. O excesso se mostra como uma ordem. Não há registros no corpus de entrevistado pedindo por menos atrações, enfeites ou qualquer outro elemento da folia. Existe a expectativa de obter mais da festa.

É assim que acontece na Folia do Papangu. As atrações, as promessas de gozo são muitas e estão por toda a parte. As figura 6 e 7 seguinte mostram um Papangu um com um bebê. Esse Papangu percorria a rua principal da folia levando o bebê de brinquedo no seu colo até as pessoas que andavam por perto. Era uma abordagem teatral na qual tanto os movimentos do Papangu eram programados quanto os do bebê por ele manipulado. A ideia era fazer crer que o brinquedo em seus braços tinha vida para chamar a atenção de quem estivesse assistindo. Então o folião se via hipnotizado por aquela cena, o folião parava, observava e seguia para o próximo Papangu, que também lhe abordava com outro assunto interessante.



Figura 6 - Papangu com bebê e foliões  
Fonte: Foto tirada pelo autor



Figura 7 - Papangu mostra bebê  
Fonte: Foto tirada pelo autor

Ora, é um eterno abordar, um eterno convite a uma experiência pensada, ensaiada para ser absorvida da melhor forma e de maneira tal que o folião tenha uma sensação

instantânea de satisfação. Toda essa formatação da folia faz a aproximação do folião com a folia; toda essa oferta coloca os sujeitos em contato com o excesso de experiências; tudo isso configura a Folia do Papangu como uma indústria do gozo, uma grande produção de desejo e satisfação que acaba inserindo os sujeitos em uma teia que direciona o modo como vivem naquele espaço. Diante dessa indústria, o próximo gozo está sempre presente e leva o folião a mais-gozar e por ele ser regulado.

Um dos principais elementos da Folia do Papangu é a presença de fantasias, principalmente as de Papangu. No entanto, é interessante também notar a grande dificuldade em se brincar desse modo, dadas adversidades como a temperatura, o custo da fantasia para se ter um resultado estético interessante, entre outros. A superação de tudo isso parece tornar o gozo ainda mais intenso, justificado. Observe-se dois trechos de entrevistas. Nesse primeiro, um Papangu dá seu relato do porquê sai fantasiado dessa maneira para a festa:

*R – O que tu acha legal de sair fantasiado de Papangu?*

*A13 – O bom de tudo é saber que Bezerros é uma festividade muito grande e a gente tamos participando desse evento e é muita gente, muito legal, muito bacana, sair fantasiado, apesar do calor, mais importante é você sair e se divertir.*

O entrevistado fala na resposta da importância do evento, diz que é um grande evento, que tem muita gente brincando e por isso ele diz que é interessante sair fantasiado e enfrentar o calor. O esforço de sair fantasiado é justificado pela importância da festa. Cumprir o ritual e se satisfazer, isso é gozo. A grandeza da festa rege a ação desse sujeito, faz ele se fantasiar, enfrentar o calor. Situação semelhante é ilustrada no próximo trecho de uma entrevista com um casal de foliões pernambucanos:

*R – Por que vocês decidiram se fantasiar de Papangu?*

*A22 – Pra alegrar a cidade...*

*B22 – Alegrar a cidade e encantar os turistas.*

Os entrevistados estão fantasiados de Papangu, brincam com as pessoas, tiram fotos e parecem se divertir com isso. Na entrevista, alegam como motivo para se fantasiar trazer alegria para os que estão na cidade se divertindo. Alegando essa preocupação, os entrevistados querem ser conhecidos pelo seu papel na festa, o de alegrar. A festa os leva a isso, eles seguem uma regra que a festa prediz para o gozo. É um gozo ditado pela festa.

O roteiro que a festa impõe para o gozo fica ainda mais claro na figura 8. No primeiro plano é possível ver três crianças vestidas do Papangu, com máscaras de borracha envoltas por um pano preto. No fundo, é possível ver uma fileira de máscaras expostas para venda. As crianças estão envoltas no clima da festa que leva a se fantasiar de Papangu e as máscaras a venda mostram como essa prática é mediada pelo mercado. A festa não só diz que para se gozar nela é preciso se fantasiar como também vende esse requisito para o gozo. E as pessoas acabam se fantasiando de algo que lhes é dado, já previsto. O clima de festa não propicia um gozo maluco apesar de excessivo, é um gozo controlado.



Figura 8 - Papangus e máscaras sendo vendidas ao fundo  
Fonte: Foto tirada pela autor

#### **4.1.2 A Folia do Papangu é formatada como produto cultural**

Essa seção discute a formação da regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural”, a qual leva ao entendimento da função “A Folia do Papangu é operadora do gozo”; A Folia do Papangu tem traços de produto cultural sendo possível ver esses traços através dos componentes da regra, que são o objeto, a modalidade, o conceito e estratégia.

O objeto no seu papel de unidade discursiva foi definido pelo termo “Produto”. A mídia retrata a festa como um evento onde pessoas fantasiadas como no passado desfilam para serem observadas. É algo feito para ser visto e não algo que acontece e pode ser observado. Os elementos culturais da festa são tão produtos culturais como é uma peça de teatro, atores de um espetáculo montado; já a mídia seduz a partir desse produto, promete uma experiência histórica, para atrair mais turistas.

Os próprios foliões veem dessa forma. Eles preparam fantasias para a festa e acreditam estar participando de uma verdadeira encenação da tradição. Aliás, esse aparece como um dos pressupostos de as pessoas estarem na festa: porque é tradição. É possível comprar fantasias de Papangu feitas em série e observar o desfile dos que concorrem a melhor fantasia dos Papangus. Os prêmios e a organização são da prefeitura. Isso ilustra como a Folia do Papangu passa por um cuidado em ser transformado em produto mas não só isso. Ele é entendido, construído discursivamente como tal, seja em sua divulgação seja em sua experiência.

A modalidade se apresenta como uma voz que dá tom ao discurso. Aqui a modalidade foi definida como “Marketing”. O carnaval de Bezerros ganha o aspecto de produto a partir de uma maneira de não só falar, mas de vender e de ser seduzido. A tradição não é apenas o eco de uma prática histórica, mas a própria reformulação turística dela. A

mídia retrata o evento diversas vezes como a maior festa da época no interior de Pernambuco, o “Galo do interior”, como disse o ex-governador Eduardo Campos.

Os foliões por sua vez enxergam a Folia do Papangu analogamente, eles se comportam como público-alvo. Eles notam e parabenizam o esmero com que a festa é construída, seus elementos devidamente postos para a melhor experiência turística. Em um movimento inverso, eles também vendem a própria festa uns para os outros. Comentam como o governo trabalha bem para criar aquele evento ou como as marcas ajudam a festa apesar de não ter muito a ver com o tema da folia. O marketing aparece como uma voz que dá os contornos da festa.

Conceito são os jogos que caracterizam o discurso como tal e aqui foi denominado como “mercadorização”. É possível ver dinâmicas de mercadorização nas formações discursivas da Folia do Papangu e, especialmente nessa regra, jogos de significado que dão a festa o formato de produto cultural. A Folia do Papangu tem uma marca e ela está em meio a várias outras marcas logo na entrada da festa. Existe uma grande estrutura publicitária com a marca da Folia do Papangu e das marcas das instituições que a apoiam: entidades governamentais e privadas. A festa pode não ser paga, no entanto o governo deixa claro nas matérias em que é citado os resultados da festa: movimentação do turismo, da rede hoteleira, do comércio entre outros.

Os foliões participam da festa não como exploradores, mas como turistas, consumidores daquela experiência. Eles são espectadores muitas vezes, passam pelas atrações, tiram fotos. Os Papangus são estrelas de um show, garotos-propaganda da cidade de Bezerros. A mercadorização está nas pessoas na medida em que elas assumem a postura de turistas de um produto turístico, de uma tradição montada para ser vista por pessoas treinadas para agirem como consumidores.

Os agrupamentos de enunciados então aparecem como se buscassem realizar algo dentro do discurso, isso é a estratégia. Nessa regra pode-se perceber a estratégia de “Transformar a festa em algo consumível”. Sendo o objeto um produto, o marketing a modalidade e a mercadorização o conceito, é possível entender que algo está sendo mercadorizado pelo marketing para finalmente ser vendido. A mídia deixa isso claro com matérias que aparecem perto da época da festa e destacam as atrações do espetáculo da cultura de Bezerros. O objetivo é tornar a Folia do Papangu um evento e atrair pessoas para ele. Não é apenas um local a ser visitado, é uma festa pronta para o consumo que está a espera de consumidores.

A festa é montada para que a folia seja direcionada para uma eficiente experiência turística. A decoração da cidade, os locais dos palcos, da passagem dos blocos, uma série de práticas com o objetivo de tornar a festa algo consumível. Os foliões respondem a isso da maneira esperada. Eles não apenas consomem mas também notam e admiram os esforços para tornar a sua passagem pela cidade um roteiro turístico. O papel da organização é louvado mas também questionado: os foliões querem que a festa seja melhor, se adapte melhor as suas necessidades de consumidor. Então eles também constroem a estratégia de tornar a festa consumível.

#### **4.1.2.1 Feixe de relações partindo da regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural”**

Nessa sessão serão apresentadas as relações da regra em questão a partir das funções e suas relações com os enunciados.

A regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural” se relaciona com a função “Demonstrar a espontaneidade da festa”. Aqui a espontaneidade da festa é tida como parte do produto cultural que é o carnaval de Bezerros. Esse encadeamento ainda se relaciona com um enunciado: “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro”.

Esse enunciado mostra como as pessoas se divertem sem se preocupar se estão em uma festa tradicional e agem de acordo com o que lhe convém, sem amarras de convenções históricas. Essa naturalidade espontânea também faz parte da festa como produto cultural, dá a ela seu caráter de festa comum.

A figura 09 presente no corpus permite observar tal encadeamento. Na imagem, há diversos foliões em um dos lugares mais movimentados da festa. É possível notar do lado esquerdo um posto do corpo de bombeiros; no centro mais ao fundo, um palco; no lado direito está o camarote. Esses três são componentes comuns em diversas festas ao ar livre, principalmente no carnaval pernambucano. Em quase toda a foto é possível ver pessoas caminhando sem fantasias, sem estar envoltas por Papangus ou suas exigências históricas de brincadeiras. A percepção de ausência dessas amarras tradicionais permite que observe uma espontaneidade.



Figura 09 - Foliões e estrutura do palco

Fonte: Foto tirada pelo autor

A regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural” se encadeia com a função “Caracterizar festa como tradicional”. Esse encadeamento fica claro quando se observa a intenção de usar aspectos tidos como tradicionais para formatação da festa. Esse encadeamento ainda se relaciona a três enunciados: “A Folia do Papangu é um festejo lúdico”, “A Folia do Papangu é um festejo popular” e “A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco”.

A relação com o enunciado “A Folia do Papangu é um festejo lúdico” se dá pela maneira como a traz como parte do espetáculo a própria folia, as brincadeiras e os diversos jogos lúdicos que advém das pessoas, algo natural, histórico ou estético, que dão aspecto tradicional a festa.

A figura 10 mostra como este encadeamento está presente nos dados. O Papangu se parece com o Papangu tradicional, todo coberto, vestimenta mais simples, além disso faz o

gesto de abrir os braços, algo que se tornou tradicional, é um gesto de provocação, tenta provocar medo, estranhamento naquele que observa. Essa roupa e esse gesto, se repetem nas e se constituem como parte do espetáculo.



Figura 10 - Papangu de braços abertos  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O enunciado “A Folia do Papangu é um festejo popular” se relaciona com a função e a regra citadas por trazer a ideia de que a festa está nas pessoas, na sua participação, na sua presença e isso fazer parte do espetáculo, dando uma atmosfera tradicional.

Nos dados, é possível ver esse enunciado através desse trecho em que o entrevistado, folião local, fala o que lhe atrai na Folia do Papangu e como ele considera o que é popular algo que compõe a “beleza” da festa:

*R - O que é que tu acha legal, assim, essa beleza que tu fala?*

*A25 – É a cultura popular né, a demonstração de criatividade dos bezerrenses né, com essa alegria... A gente vê de velhos e crianças, tudo na mesma alegria, no mesmo sentimento de folia, que é contagiante, deixa até a gente mais velho fervoroso, doido pra pular.*

O enunciado “A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco” traz uma espécie de fama da Folia do Papangu como atração já tradicional do carnaval em Pernambuco, algo que também incrementa o espetáculo.

É possível ver nos dados um trecho advindo de uma matéria publicada em um site de evento que fala da Folia do Papangu como importante para o carnaval Pernambucano, no qual é seu caráter tradicional é atração:

*Centenas de grupos de Papangu e troça revivem as tradições do Carnaval pernambucano durante os quatro dias de folia. Em Bezerros; município distante 107 quilômetros do Recife; na região de Serra Negra; a cidade de 59 mil habitantes recebe nestes dias de festa um público superior a 300 mil visitantes atraídos pela folia dos Papangus; conhecidos por suas máscaras coloridas feitas em papel machê retratando personagens e figuras folclóricas.*

*A tradição mantida durante décadas; que reunia inicialmente apenas uns poucos foliões acabou sendo um marco do carnaval pernambucano mais típico e tradicional. Segundo Socorro Silva; secretária de educação e historiadora o Papangu começou com uma brincadeira.*

A regra ainda se relaciona com a função “Revelar mercadorização da festa”. A formatação da festa permite enxergar como os elementos culturais da região passam por uma transformação em produto. Essa função ainda se encadeia com os enunciados: “A Folia do Papangu é materializada pela presença dos Papangus”, “A Folia do Papangu é governada como produto cultural”, “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro” e “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados”.

Nesse feixe o enunciado “A Folia do Papangu é materializada pela presença dos Papangus” demonstra como os Papangus são elementos mercadorizados dentro do espetáculo montado a ser experimentado pelos foliões. Já o enunciado “A Folia do Papangu é governada como produto cultural”, trata de como os elementos culturais da região são formatados para fins análogos.

Na figura 11 é possível ver o que foi descrito. O Papangu se mostra presente como elemento regional e também como produto, até literalmente, visto que se vendem máscaras de Papangu. Mas ele só é vendido porque é parte da festa e sua presença direciona o consumo no evento.



Figura 11 - Papangus e máscaras sendo vendidas ao fundo  
Fonte: Foto tirada pela autor

Já o enunciado “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro” traz ao feixe de significados sua contribuição ao mostrar como a festa é algo comum tanto quanto qualquer outra festa com o status de mercadoria.

Nos dados pode-se ver cenas como a figura 12 com homens carregando isopor carregado de cerveja para fins comerciais como acontece em outras ocasiões festivas.



Figura 12 - Isopor de bebida  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O enunciado “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados” traz ao encadeamento a ideia de que a formatação da festa como mercadoria quebra com uma lógica seguida em outros tempos da Folia do Papangu.

A foto 13 extraída do corpus mostra uma das entradas para a festa. Ela está coberta por marcas de organizações privadas e públicas que não só deram a forma da festa como deram uma nova lógica para o evento, o que destoa do que é considerado como histórico, uma festa feita apenas pelas pessoas e não por instituições.



Figura 13 - Entrada da festa  
 Fonte: Foto tirada pelo autor

A regra “A Folia do Papangu é formatada como produto cultural” também se relaciona com a função “Destacar preocupação com a organização da festa”. Tal conexão se mostra através das considerações dos foliões a respeito da configuração da festa estar interessante ou não para a folia. A regra e função ainda se relacionam com os enunciados: “A Folia do Papangu é governada como produto cultural” e “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados”.

O encadeamento com o enunciado “: “A Folia do Papangu é governada como produto cultural” se mostra na percepção dos foliões de que a festa é formatada e no julgamento deles pela condição da festa de produto cultural.

No corpus é possível ver um trecho que evidencia o que foi dito. O folião enxerga o frevo e o Papangu como uma espécie de marca do produto que seria a Folia do Papangu. Além disso, o entrevistado, folião local, tece seu julgamento sobre a estrutura da festa:

*R – Tu vê assim como a tradição na festa?*

*A7 – A tradição...? Eu acho que é importante porque é uma coisa original é uma coisa que caracteriza a festa, entendeu? É um ritmo próprio, Pernambuco tem um ritmo próprio que é o frevo e Bezerros em especial tem o personagem do Papangu, que é único no estado.*

*R – O que tu gosta e o que tu não gosta assim...*

*A7 – Deixa a desejar um pouco a infraestrutura mas com a quantidade de gente né, com o quantitativo de pessoas é até compreensível mas acho que o estado deveria investir mais em infraestrutura. Mas no resto...*

O enunciado “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados” também está presente nesse feixe. É possível ver como certas práticas consideradas como tradicionais estão dando lugar a outras mais novas. Os foliões percebem essa nova configuração da festa e torna sua preocupação notória.

Nos dados, um trecho mostra o enunciado conforme descrito. Nele um folião pernambucano fala sobre o que era considerado tradição e mudança na festa que difere do que ele difere. Ele fala especificamente de como a festa não tinha focos de folia e passou a ser centralizada:

*R – E sobre a história dos Papangus, tu sabe alguma coisa? O que te chama a atenção na tradição dos Papangus, na história dos Papangus...*

*A5 – A tradição do Papangu... Ela reunia um grupo de amigos e trocava a roupa pra os outros amigos não conhecer. Ia pra casa dos amigos tomar a cachaça todinha e comer a angu, por isso que ficou “papa” “angu”... Não tão antiga, só 100 ano de Papangu, a tradição é essa.*

*R – Tu acha que mudou muita coisa assim, de acordo com o tempo...?*

*A5 – Tá mudando. Porque aqui tinha mais bloco e tá acabando os bloco.*

*R – Tá tendo mais o que então?*

*A5 – A tradição é pro centro né, tem o concurso do Papangu... Tá puxando a turma mais pro centro mas tá legal, tá legal*

A função “Destacar profissionalização da festa” também se relaciona com a regra em questão. A formatação da festa como um produto cultural implica muitas vezes na forma como essa festa é tratada que é, neste caso, algo percebido como bem feito ou que precisa melhorar. Esse encadeamento chega até três enunciados: “A Folia do Papangu é governada como produto cultural”, “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro” e “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados”.

No que diz respeito ao enunciado “A Folia do Papangu é governada como produto cultural” a conexão fica clara quando se nota que essa estruturação do produto que advém de práticas culturais da região é feita com uma qualidade notável ou observa-se suas limitações para um padrão de qualidade esperado para um produto cultural.

É possível ver no corpus trechos como o que segue. Nele o folião, de Pernambuco, fala como é interessante a ideia de ter um evento organizado, com apoio do governo, e possíveis melhoras a serem feitas, como é o caso dos banheiros químicos:

*R – E sobre a organização da festa, o que é que tu acha....*

*A8 – Acho que é bem organizado. Tem um apoio do governo do estado também. Acho que as famílias têm um papel primordial, preparar esses camarotes e reúne seus amigos, suas famílias, acho que é organizado, de um jeito geral, avalio assim.*

*R – E tu acompanha a algum tempo já o carnaval?*

*A8 – Já, 5 anos, a gente vai pra Gravatá e sempre dava uma passada aqui.*

*R – E tu acha que mudou alguma coisa ao longo do tempo...*

A8 – Mudou. Todo ano vem melhorando, a prefeitura tem observado as falhas que se tem, e já escutei já eles falando a questão dos banheiros, acho que é uma falha ainda a se melhorar né, mas é isso, carnaval de rua é isso, sobe ladeira, desce ladeira, às vezes tem que ser no improviso mesmo né.

Já a ligação com o enunciado “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro” se dá quando se observa esse profissionalismo feito não com um direcionamento claro de que se seguem práticas históricas, mas de que é necessário moldar a festa para ser apenas uma festa.

A figura 11 ilustra como o que foi descrito é visto nos dados. Na imagem é possível ver arquibancadas montadas para que as pessoas vejam com mais conforto a passagem dos blocos e dos Papangus. As arquibancadas não estão em congruência com as práticas históricas ditas como tradicionais e podem ser vistas em diversos eventos públicos comuns.



Figura 9 - Estrutura do corpo de bombeiros e arquibancada  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O enunciado “A Folia do Papangu tem aspectos de sua tradição descaracterizados” se relaciona com a função e a regra em questão quando se nota a descaracterização de práticas históricas em nome da profissionalização da festa.

A figura 14 ilustra como isso acontece nos dados. A imagem mostra um Papangu e, pendurado em seu pescoço está uma numeração. Essa numeração diz respeito ao seu registro como Papangu para participar do concurso de fantasias. Essa maneira de organizar os Papangus é uma inovação que descaracteriza a tradição em prol da profissionalização do evento.



Figura 14 - Papangu em concurso de fantasias

Fonte: Foto tirada pelo autor

A regra se relaciona com a função “Revelar apropriação da festa pelo governo”. Isso porque a formatação da festa se mostra como feita em parte por órgãos governamentais. Essa função ainda forma uma cadeia com o enunciado “A Folia do Papangu é governada como produto cultural”.

Nesse encadeamento o enunciado em questão aparece quando se mostra a formatação do carnaval dos Papangus na forma de evento produzido pelo governo.

A seguinte amostra dos dados é um trecho de matéria do portal PE10. Nele são mencionados os órgãos responsáveis pela festa e um pouco de como é formatado:

*As atrações que animarão a festa ainda não foram divulgadas. De acordo com o coordenador de evento do município, Vando Dias, a programação musical fica por conta da Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e Empetur (Empresa de Turismo de Pernambuco).*

*“Nós temos uma parceria com a Fundarpe e a Empetur, elas quem definem as grandes atrações e nós complementamos a grande. Até a próxima semana deve estar definido. Mas a infraestrutura do Carnaval está ficando pronta. Temos arquibancada, banheiros, pólos de animação para o folião vir brincar em Bezerros. Hoje somos o 3º melhor Carnaval de Pernambuco”, ressaltou Dias.*

#### **4.1.3 A Folia do Papangu é organizada como produto cultural**

Essa seção discutirá a regra “A Folia do Papangu é organizada como produto cultural” como foi feita com a regra anterior, isto é, a partir de seu objeto, modalidade, conceito e estratégia.

O objeto como unidade discursiva se apresenta na forma de “Organização da festa”. Um tanto antes do carnaval acontecer, a mídia já anuncia os preparativos para a festa: quais serão as atrações, quanto será investido, quem serão os realizadores da festa e assim por diante. Depois do acontecido, é notável ainda a discriminação dos resultados e quem são os responsáveis por isso. A Folia do Papangu tem o título informal de terceira maior festa carnavalesca de Pernambuco e os órgãos que organizam a festa ganham o crédito por isso.

Isso é notado por quem experimenta o carnaval de Bezerros. A organização está em todo o lugar: palcos, camarotes, lugares reservados para os blocos e assim por diante. As atrações têm hora e local para trazerem animação para a festa. Os foliões se moldam a essa organização e comentam sobre isso. Eles parabenizam e criticam a organização da festa, analisam se os investimentos e intervenções são interessante ou não para a folia.

A modalidade, ou o *ethos* que sustenta a regra em questão, é o do “Marketing”. A organização como aparece na pesquisa vem para seduzir possíveis novos foliões. A própria construção da mídia do carnaval de Bezerros como importante em Pernambuco, como o “Galo do interior”, como o maior carnaval da região depois das festas de Recife e Olinda, faz da organização algo especial, competente, digno de ser assistido.

O folião se coloca como consumidor que atende às expectativas da organização. Ele vem vestido como turista, ele observa como espectador de um espetáculo e até elogia a festa, trazendo outros turistas e fazendo o papel ele mesmo de um profissional de marketing.

O “Êxito” é o conceito. Trata-se da maneira com que o jogo discursivo é esquematizado. A ideia de que a Folia do Papangu é a terceira maior festa carnavalesca de Pernambuco revela a preocupação com os resultados da festa, a pretensão de ser bem sucedido e se colocar dessa forma. O governo quando sinaliza que vai aumentar investimentos para a organização da festa, assim como fazer o evento crescer e estudar os resultados obtidos, sinaliza para uma lógica que tem o êxito como guia.

Os próprios foliões revelam essa lógica ao analisar a estrutura da festa. Eles questionam se não era possível obter mais atrações ou se vestirem com mais sofisticação para que a festa seja mais atrativa para outros turistas. Ao mesmo tempo, a percepção de que mais marcas estão patrocinando a festa deixa os foliões mais interessados pela folia.

Os enunciados apontam para a estratégia designada como “Transformar a festa em algo consumível”. A festa tem grandes investimentos e não é por acaso. Como mostram as

matérias na mídia, o objetivo é tornar a festa mais interessante para os turistas e para as instituições que a apoiam. Quando se fala em uma das maiores festas do carnaval de Pernambuco, se fala em tamanho da festa e retorno para esse investimento. Assim, a organização se apresenta como algo afim tornar a festa um produto interessante para as partes envolvidas.

No evento, os foliões não só corroboram essa ideia com seu lugar de consumidores daquela experiência como também ajudam a transformar a festa em produto. Os foliões se encantam com a organização, o profissionalismo e as práticas mercadológicas envolvidas. Eles aceitam o seu papel de consumidores e sinalizam uma estratégia discursiva consolidada. Além disso, eles participam da folia ativamente e acreditam que são parte da festa. Dessa maneira eles contribuem para a folia e, conseqüentemente, para torná-la um produto mais atrativo. Assim se constituem como transformadores da sua experiência em algo consumível para os outros ao seu redor.

#### **4.1.4 Feixe de relações da regra “A Folia do Papangu é organizada como produto cultural”**

A regra ainda se relaciona com a função “Revelar mercadorização da festa”. A Folia do Papangu se mostra como organizada para ser uma mercadoria, trazendo elementos dessa lógica. Essa função se encadeia com os enunciados: “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” e “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” revela como a mercadorização atingiu a festa de tal forma que o sucesso econômico é um objetivo importante.

Nessa matéria do site da SETUR, é possível notar como a demonstração de dados que mostrem a economização da Folia do Papangu é importante:

*O aumento do público impactou positivamente na receita turística da festa. Em 2014, os turistas e excursionistas injetaram na economia pernambucana R\$ 1.079 bilhão, um incremento de 7,3% em relação ao ano passado, quando eles deixaram R\$ 1.005 bilhão no Estado.*

*A ocupação hoteleira ficou em torno de 88% com destaque para a Região Metropolitana do Recife – RMR (93%) e para os municípios de Bonito, Camaragibe, Goiana, Moreno e Nazaré da Mata que tiveram 100% de ocupação. O gasto médio individual diário foi de R\$ 165,00 e a permanência média ficou em nove dias.*

Já o enunciado “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região” revela como a festa é algo a ser investido para gerar resultados financeiros.

Nota-se no corpus esse trecho de uma matéria veiculada no Portal Bezerros que fala da interiorização do carnaval e o investimento que será feito para que tal operação desenvolvimentista ocorra:

*Este ano Governo de Pernambuco através da secretaria de Cultura e Turismo está investindo 20 milhões de reais no carnaval. Cerca de 3,5 milhões foram destinados para as festividades de Recife e Olinda e o restante em cidades do interior entre os municípios contemplados estão: Águas Belas, Arcoverde, Belém de São Francisco, Bezerros, Catende, Goiana, Ipojuca, Itamaracá, Jaboatão dos Guararapes, Nazaré da Mata, Olinda, Paudalho, Pesqueira, Petrolina, Recife, Surubim, Tamandaré, Timbaúba, Triunfo e Vitória de Santo Antão.*

A regra se relaciona com a função “Destacar profissionalização da festa”. A profissionalização acompanha os cuidados por parte da organização da mesma. A função ainda se relaciona com os enunciados: “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” e “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” mostra como a profissionalização faz parte da organização para tornar o evento bem sucedido.

Nos dados emergem trechos que mostram os cuidados profissionais dados a festa. O seguinte trecho, veiculado no Portal Bezerros, evidencia a aposta do governo no potencial econômico da festa ao investir nela:

*O investimento do Governo do Estado no Carnaval 2013 gira em torno de R\$ 20 milhões, incluindo o apoio na ordem R\$ 3 milhões aos carnavais de Olinda e do Recife. Recursos que garantem a circulação de artistas locais e nacionais, fortalece ricas tradições carnavalescas, como os Caretas de Triunfo, os Papangus de Bezerros, os Caiporas de Pesqueira, as manifestações de povos tradicionais em Águas Belas, o Frevo e o Maracatu. Além de estimular o turismo, gerar emprego e renda movimentando a economia dos municípios.*

O enunciado “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região” também pode ser mostrado nesse trecho. Ele mostra a profissionalização em prol do desenvolvimento da região e no trecho é visível como os investimentos têm uma orientação específica para o desenvolvimento da região.

A regra se encadeia com a função “Revelar apropriação da festa pelo governo”. Aqui, a organização da festa se mostra como resultado de esforços governamentais. Essa função ainda se relaciona com os enunciados: “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” e “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” mostra como resultados positivos da festa têm participação do governo.

Nos dados, é possível ver um trecho veiculado no portal PE10 que enumera ações do governo e mostra o carnaval do Papangu como terceiro melhor carnaval de Pernambuco:

*As atrações que animarão a festa ainda não foram divulgadas. De acordo com o coordenador de evento do município, Vando Dias, a programação musical fica por conta da Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e Empetur (Empresa de Turismo de Pernambuco).*

*“Nós temos uma parceria com a Fundarpe e a Empetur, elas quem definem as grandes atrações e nós complementamos a grande. Até a próxima semana deve estar definido. Mas a infraestrutura do Carnaval está ficando pronta. Temos arquibancada, banheiros, pólos de animação para o folião vir brincar em Bezerros. Hoje somos o 3º melhor Carnaval de Pernambuco”, ressaltou Dias.*

O enunciado “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região” também pode ser revelado por esse parágrafo. Ele mostra como o governo investe na festa para obter resultados e, no trecho, isso é revelado pelas ações desempenhadas pelo governo, representado por Vando Dias.

A regra se encadeia com a função “Demonstrar grandiosidade da festa”. Esse enlace se dá quando se considera que a organização da festa está relacionada com um grande prestígio simbólico e econômico. A função, por sua vez, se relaciona com os enunciados: “A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco”, “A Folia do Papangu é um sucesso econômico” e “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco” mostra a festa já moldada como produto cultural e sua relevância para o Carnaval de Pernambuco.

Nos dados, um trecho demonstra tal feixe. Trata-se de uma reportagem do site da Folha de Pernambuco sobre o carnaval de Bezerros no qual se fala dele como algo importante para o carnaval, chegando até a ser comparado com o Galo da Madrugada:

*Neste domingo de Carnaval (19), o governador Eduardo Campos foi a Bezerros para acompanhar o desfile dos Papangus. A folia reúne milhares de pessoas na cidade do Agreste pernambucano e este ano traz o tema “História e tradição com os Papangus é só emoção”. “O Papangu é o Galo da Madrugada do interior”, comparou o governador.*

*Após uma visita à prefeitura, onde foram recebidos pela prefeita Beth Lima, Eduardo e Renata Campos percorreram a pé todo o trajeto do desfile. Bastante festejado, o casal posou para fotos e concedeu autógrafos várias vezes. “Com esse grande espetáculo que vemos aqui, mostramos que o nosso Carnaval não está só no Recife e em Olinda, mas em Bezerros também, e em todo o nosso interior”, elogiou Eduardo, que à noite receberá convidados na Torre Malakoff, no Recife Antigo.*

Já no enunciado “A Folia do Papangu é um sucesso econômico”, a conexão está na ideia de a Folia do Papangu ser um produto cultural com importantes resultados para economia.

É possível ver no corpus um trecho de matéria no site do Governo de Pernambuco onde são consideradas diversos resultado econômicos positivos para região e um equiparamento do carnaval de Bezerros a movimentação econômica do já consagrado carnaval de Olinda:

*A movimentação econômica e o número de empregos diretos e indiretos também ficaram além das previsões. Era estimado um incremento de 10% e o percentual chegou aos 20%”, afirma o presidente da Empetur, Kleber Dantas. Ao todo, a máquina do carnaval pernambucano, movida no compasso do frevo, maracatu, caboclinhos e outros ritmos locais, movi sucesso é total. Bezerros, por exemplo, teve este ano o seu melhor carnaval. Terra da*

*folia dos Papangus, Bezerros se consolida como uma “versão” de Olinda no interior do Estado aumentou R\$ 204 milhões este ano, contra R\$ 170 milhões no ano passado.*

O enunciado “A Folia do Papangu visa o desenvolvimento da região” faz parte do feixe na medida em que mostra como o desenvolvimento da região está relacionado com seu prestígio.

Nos dados, é possível ver o trecho, veiculado no JC Online, em que se fala o quanto se investiu no carnaval de Bezerros e sua expectativa de atração de pessoas, o que mostra certa fé no potencial da festa em fazer a economia da região ser movimentada:

*O domingo em Bezerros é dia de um clima família, que faz valer a viagem nos 107 quilômetros entre a capital e a cidade. O diretor de Turismo de Eventos da Secretaria de Turismo de Bezerros, Vando Dias, conta que foram investidos R\$ 1,5 milhão no Carnaval 2013. A expectativa é atrair 500 mil pessoas durante o período carnavalesco deste ano.*

*"A marca Papangu é muito forte. A festa é muito tradicional e garante um ótimo programa para toda a família", reforça Vando.*

## **4.2 A tradição da Folia do Papangu é uma fantasia**

A outra formação discursiva encontrada foi chamada de “A tradição do Folia do Papangu é uma fantasia”. Essa formação evidencia como os elementos culturais envolvidos na festa se constroem a ideia de tradição que permite estruturação da realidade fantasiosa sustentadora do gozo.

Essa formação conta com uma regra que se conecta a 4 funções enunciativas e 9 enunciados. Ela pode ser vista na figura 16. Assim como na formação anterior, a regra é descrita assim como suas relações com as funções e enunciados.

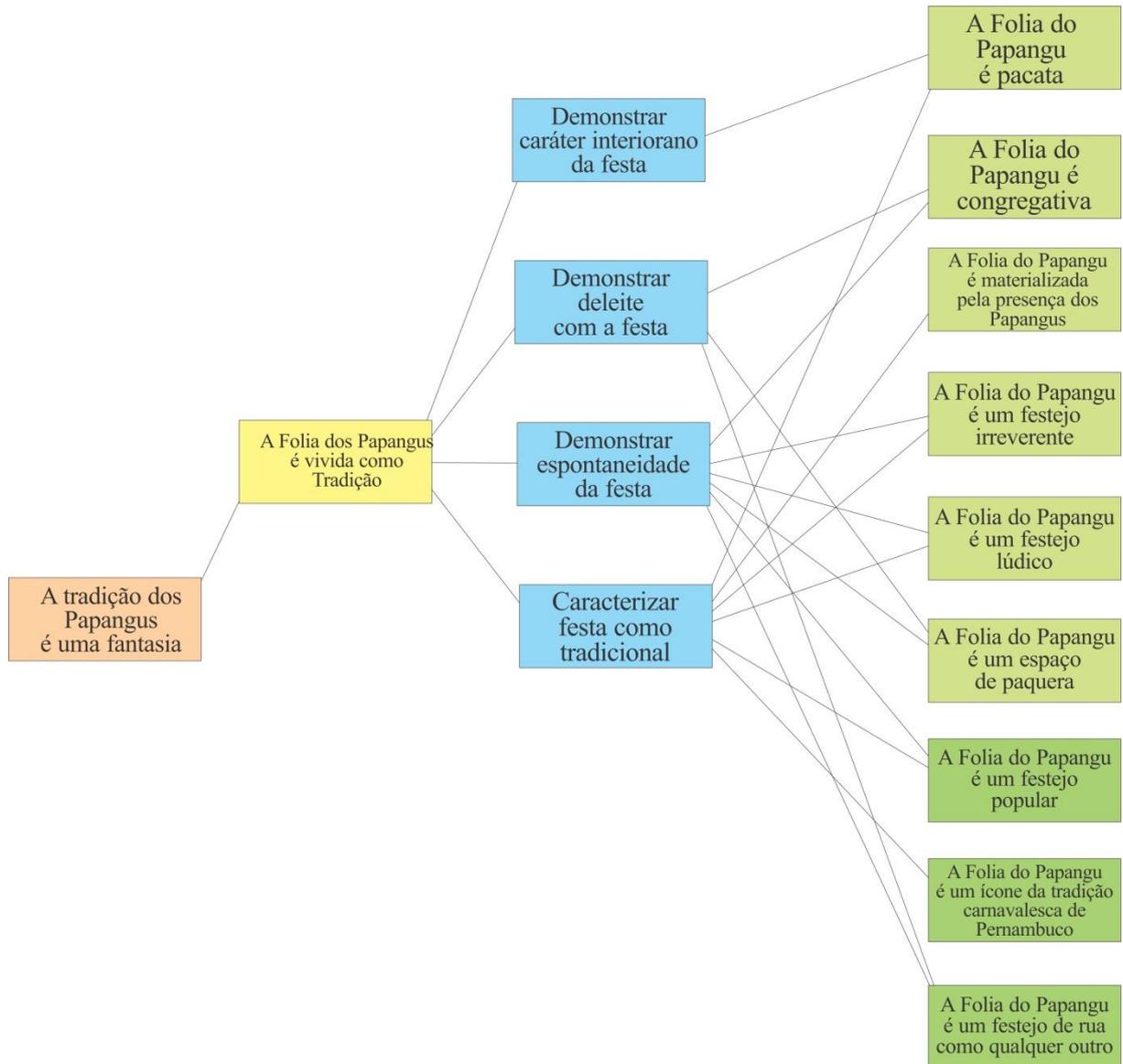


Figura 10 - Mapa da formação “A Tradição dos Papangus é uma fantasia”  
 Fonte: Elaboração do autor

### 4.2.1 Fantasia na Folia do Papangu

O gozo só é possível por meio da fantasia. É ela que vai construir uma visão de mundo propícia para o gozo e tornando aceitável aquilo que atrapalha o gozo. É possível observar a fantasia a partir das contradições existentes na experiência da folia. As

contradições dizem respeito ao que é dito pelos entrevistados e o que é observado nas fotos e até mesmo no que é disseminado pela mídia e o que foi visto na festa, seja nas fotos ou seja na própria visita do pesquisador. Essas contradições não são notadas e dão pistas que existe uma fantasia resolvendo o que seria traumático para a experiência na festa.

O jogo de resolução de contradições da fantasia pode ser observado no uso das máscaras dos Papangus. Nessa primeira entrevista o folião local fala do papel da máscara para os Papangus de Bezerros:

*R – Tu acha que essa organização mudou alguma coisa da tradição dos Papangus?*

*A39 – Não, não, acho que não. Pode ver que eles mantem a tradição nas máscaras. Pode ver que todo canto tem máscara, tem adereços carnavalescos que realmente caracteriza o carnaval de Bezerros.*

O entrevistado pernambucano revela sua crença de que a tradição dos Papangus está no uso das máscaras. A tradição se torna a própria máscara. No entanto existem diferentes formas de usá-la. Uma delas é como conta esse entrevistado:

*R – E tu conhece alguma coisa da história dos Papangus assim?*

*A25 – Conheço assim em parte né, que é... Saía os maridos, vestiam-se de Papangus pra ter direito a enganar as mulheres, passar despercebido no meio da multidão, e aí tinha direito de tirar brincadeira com todos, né. E daí foi crescendo e tornou-se o Papangu conhecido internacionalmente né.*

E esse outro trecho, com um casal de foliões pernambucanos, reforça a ideia de anonimato sugerida:

*R – E o que vocês acham que é importante assim essa tradição dos Papangus?*

*B12 – O passado aqui de Bezerros, né?*

*R – E o que é esse passado?*

*B12 – Os nossos avós, que sempre contaram pra nós o que era os Papangus de primeiro.*

*R – O que é que eles contavam sobre os Papangus?*

*B12 – Que os Papangus saíam das casas sem se identificar, chegavam...*

*A – Usavam máscaras....*

A fantasia dos Papangus, incluindo a máscara, permitia os maridos brincarem livremente sem serem identificados e escaparem do olhar preocupado de suas mulheres. Como o objetivo é o anonimato, fica claro que a identificação das pessoas por trás dos Papangus é vetada. Observe-se a figura 17:



Figura 11 - Papangus sem máscara

Fonte: Foto tirada pelo autor

Esta foto foi tirada pouco depois de se iniciar o domingo de carnaval em Bezerros, o dia em que sai o bloco dos Papangus. É um local bem próximo da folia e as pessoas passam por ali aos montes, o que implica dizer que esses Papangus são vistos sem máscara. Será que esses Papangus são maridos fugindo do olhar julgador da sociedade? Se estão buscando

anonimato, falharam em seu objetivo. O fato é que eles não estão utilizando a máscara para o anonimato.

Contradições como essas são notadas e não destroem a experiência da festa como tradição. A fantasia permite que exista essa ambiguidade porque caso a contradição seja realmente levada a sério o gozo não será possível. As pessoas até percebem as contradições mas não as levam a sério porque o importante mesmo é o gozo, é o ritual ser completado em direção a satisfação. A ideia de tradição acaba se moldando ao que existe, como o entrevistado que nega que a tradição esteja mudando pelo simples fato de haver máscaras na folia: “Pode ver que eles mantem a tradição nas máscaras. Pode ver que todo canto tem máscara”. Se o que era considerado por uns como tradição era usar máscara para o anonimato, para esse entrevistado a tradição se mostra pela máscara apenas, seja ela usada para o que for. A tradição vai ser o que lhes parece porque eles estão buscando o gozo através da experiência da tradição e a fantasia aparece para sustentar esse gozo, seja como for.

Uma outra forma de se perceber a fantasia é através do objeto-fetice (LACAN, 1997). O Papangu pode ser entendido como objeto-fetice, como pode mostrar os seguintes trechos de entrevista com um folião local:

*R – A festa tem os Papangus fantasiados, o que tua acha assim...*

*A8 – É muito bonito, é inigualável, e chama a atenção de qualquer um, a gente que é da terra se encanta cada vez mais, imagina quem é de fora né, de outros estados, outros países, quando vem né, pela beleza, sem igual.*

Essa beleza do Papangu, essa aparência de algo “de fora”, isso está além do simplesmente se vê nos Papangus. Isso é o folião vendo fantasiosamente o Papangu. O trecho seguinte apresenta informações análogas:

*R – Por que tu veio pra cá pra Bezerras?*

*A40 – Todo ano é por conta de gravatá não ter um carnaval feito Bezerros, o carnaval do interior de Pernambuco é Bezerros.*

Já aqui a Folia do Papangu é vista como o “carnaval do interior de Pernambuco”. Aquilo que pode ser apenas uma festa ao ar livre agora é entendido como ícone do que seria o carnaval de Pernambuco, um símbolo de um acontecimento maior. A festa do Papangu aqui é um objetivo-fetichado, ele representa uma espécie de alma do carnaval do interior. O trecho seguinte, em entrevista com folião pernambucano, ainda se refere a objeto-fetichado.

*R – O que quer dizer com magia?*

*A3 – A magia de tá você me entrevistando, a magia das pessoas tá me parando, tirando fotografia, então isso dá prazer, enriquecendo a cultura popular nossa, que nosso país tá precisando cada vez mais que a nossa cultura, nosso folclore, seja fortalecido.*

O Papangu entrevistado diz que há uma “magia” na festa de Bezerros. Ele começa enumerando o que seriam os componentes dessa magia, em seguida afirma que esses componentes dão prazer e inicia a afirmação de que o Papangu enriquece a cultura popular, a festa seria para ele, então, um defensor da cultura popular. Mais uma vez a festa ultrapassa o que ela é materialmente e passa a representar uma outra coisa, mais abstrata, maior. Essa seria a alma do objeto-fetichado, algo que significa alguma coisa profunda para quem o experimenta.

## **4.2.2 A Folia do Papangu é vivida como tradição**

Essa seção apresenta a regra “A Folia do Papangu é vivida como tradição” de forma semelhante ao que foi feito com as outras regras.

Aqui, os enunciados revelam que os foliões e a mídia constroem a Folia do Papangu como manifestação popular. O objeto é o “Caráter popular” a que esses entes se referem,

delimitam e reinventam ao longo do discurso. Esse objeto aparece no discurso como algo espontâneo, do qual se originam diversas outras manifestações consideradas como típicas da região e das pessoas ali reunidas.

A mídia também fala desse caráter popular. Ela mostra em seus textos isso como atração, como riqueza que é administrada pelos organizadores do carnaval. Assim o carnaval de Bezerros se torna um espetáculo tradição popular que atrai turistas e é protegida pelas ações do governo.

A voz e as circunstâncias de onde parte a enunciação dessa regra nos leva a modalidade chamada de “Tradicionalismo”. Tanto por parte da mídia quanto dos próprios foliões, os enunciados emergem de um estado de viver a tradição. É então que se nota os foliões se referindo a festa como um lugar histórico, uma festa que passa de pai para filho, um lugar onde o modo de viver caracteristicamente tranquilo do interior está presente, entre outros. A mídia também parte desse estar na tradição. Ela sinaliza para uma festa na qual as atrações são históricas, onde milhares de turistas se reúnem há anos, onde as pessoas se divertem com uma manifestação tradicionalmente popular.

Os enunciados então se conectam em uma trama, em um jogo que aponta para o conceito que foi chamado de “Festividade”. A própria Tradição e o Caráter Popular fazem sentido nesse discurso quando entendidos como orientadores do jogo que dá contornos a ideia de festa. Os elementos culturais da região são notados pelos foliões e sua presença ou falta caracterizam a Folia do Papangu como uma festa mais ou menos interessante. As pessoas se vestem para a festa, se juntam para a festa, na festa se congregam, lá eles brincam. Assim todos os enunciados dessa regra se relacionam e mostram como a festa é um sistema de articulação discursivo.

O discurso como desejo que busca realizar foi entendido na estratégia “Experimentar a tradição”. A construção da festa como tradição é feita para os foliões de fato experimentam-

na. Os enunciados mostram como essa tradição é composta pela irreverência, a congregação, os elementos culturais de Bezerros, a paquera e as brincadeiras. Tudo isso objetiva construir essa ideia de tradição e permitir que os foliões a experimentem.

### **4.2.3 Feixe de relações partindo da regra “A Folia do Papangu é vivida como tradição”**

A regra se relaciona a função “Demonstrar caráter interiorano da festa” e o enunciado “A Folia do Papangu é pacata”. No trecho seguinte é possível ver, através da fala de um turista, como a festa ganha traços de tranquilidade que dá cara a festa e assim reforça a sua ideia de tradição:

*R – E por que que tu tá aqui no carnaval de Bezerros?*

*A16 – Olhe, se tem uma das coisas que eu adoro em Pernambuco é o carnaval popular. Popular no sentido de não ter corda, eu uso uma camisa, eu posso ter uma condição de pagar, mas é o espetáculo, poxa, as pessoas são criativas demais, são leves demais, não vê briga, empurrão, “desculpa aí, desculpa aqui”, no interior, isso é uma maravilha, poxa.*

*R – E assim, o que tu acha dos Papangus?*

*A16 – Ah! A criatividade. Criatividade é espetacular. Os caras gastam, investem, pra dizer assim, eu quero tá na festa, “vamo tirar uma foto?”, para pra tirar uma foto e a foto é uma maravilha, eles deixam, é ótimo.*

A regra ainda se relaciona com a função “Demonstrar o deleite com a festa”. Essa conexão se mostra quando o prazer, a satisfação e o bem estar advindos da festa se caracterizam como tradicionais. O encadeamento continua com os seguintes enunciados: “A

Folia do Papangu é congregativa”, “A Folia do Papangu é um espaço de paquera” e “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro”.

O enunciado “A Folia do Papangu é congregativa” se mostra no feixe quando os agrupamentos humanos da festa trazem uma sensação agradável e assim caracterizam a tradição.

No trecho, o entrevistado pernambucano fala do que ele realmente gosta na festa, que no caso é o estar entre pessoas. O termo “gosto é desse cheiro de gente” elucida essa questão:

*R – Tu conhece assim alguma coisa da história dos Papangus?*

*A16 – Muito pouco, apesar de eu ser filósofo, mas que busca, a gente bebe um pouquinho mais, esquece, mas o que eu gosto é desse cheiro de gente, circular na rua, as pessoas vem, é de classe de tudo quanto é jeito, bem vestida, de estética mal vestida, o que for, a festa do carnaval, alegria.*

Já o enunciado “A Folia do Papangu é um espaço de paquera” se exhibe o deleite através das relações entre casais, dando traços afetivos a festa.

A figura 18 do corpus mostra um casal dentre diversos encontrados na festa. Suas expressões de deleite com as práticas amorosas fazem com que a festa ganhe esse aspecto de festa para paquerar.



Figura 18 - Foliões se beijam  
Fonte: Foto tirada pelo autor

O enunciado “A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro” se encadeia com a regra e a função citadas quando mostram o bem estar das pessoas em tratar a festa como uma outra ocasião comum.

Na figura 19 retirada do corpus, é possível ver pessoas amontoadas como em outra festa carnavalesca. Em destaque no primeiro plano é possível ver um folião vestido de maneira comum e com um ar de bem estar ao desfilas com o celular pela rua. A festa não foi feita para falar ao celular, mas ele está tão relaxado que o faz sem se importar com possíveis perigos.



Figura 19 - Folião fala ao celular  
Fonte: Foto tirada pelo autor

A regra se encadeia também com a função “Demonstrar a espontaneidade da festa”. A espontaneidade aparece como um dos elementos da fantasia. É ela que dá a faz um caráter de naturalidade a festa. Essa função ainda se relaciona com os enunciados: “A Folia do Papangu é um festejo irreverente”, “A Folia do Papangu é congregativa”, “A Folia do Papangu é um espaço de paquera”, “A Folia do Papangu é um festejo lúdico” e “A Folia do Papangu é um festejo popular”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um festejo irreverente” traz a festa a irreverência como algo surgido diretamente das pessoas, algo que brota naturalmente delas quando estão dentro da festa, o que é considerado como tradicional.

O corpus traz esse trecho que mostra um folião local em um momento de espontaneidade, na qual uma serie de ideias irreverentes no calor da festa:

*R – E por que tu escolheu essa fantasia?*

*A6 – Essa fantasia porque tem gente que pergunta quem foi que nasceu primeiro, se foi o ovo ou a galinha, foi o macaco (risos). É, e o macaco não gosta de banana, o macaco é bacana, o macaco veio pra cá pro Papangu pra deixar todo mundo comendo angu e feliz da vida e quem tiver achando ruim que vá morar no Japão porque aqui é o local de brincar o carnaval e você tem que ser um grande folião...*

Já o enunciado “A Folia do Papangu é congregativa” se encadeia a regra e a função na medida em que o modo de brincar coletivamente dá contornos ao que se entende por tradição da festa do Papangu.

Nos dados é possível ver um entrevistado recifense considerando essa característica de se agrupar no carnaval Bezerros em contraste com o que acontece em Recife:

*R – O que vocês acham dos Papangus assim, das pessoas fantasiadas pra festa...?*

*A23 – Até que eu bati uma foto agorinha deles, acho bacana, bem interessante, a brincadeira, o jeito de brincar, bem extrovertido, diferente... O modo de brincar é diferente do modo de brincar de Recife, a turma de Recife fica brincando muito pulando, muito pulado, aqui não, é mais em grupo.*

No enunciado “A Folia do Papangu é um espaço de paquera”, a espontaneidade na forma natural com que relacionamentos possíveis e de fato acontecem na festa. A paquera então se linha com a visão de tradição que se tem da festa.

É possível ver na festa imagens como a figura 20. Nela o Papangu dança sensualmente com uma foliã. As danças acabam surgindo na festa como forma natural de folia, de aproveitar a festa, mesmo em casos inusitados como esse.



Figura 20 - Dança entra Papangu e foliã  
Fonte: Foto tirada pelo autor

Dentro do feixe, o enunciado “A Folia do Papangu é um festejo lúdico” mostra como brincadeiras espontâneas surgem ao logo da festa e compõem ainda mais o quadro do que é tradicional na festa.

Nos dados é possível ver várias brincadeiras que surgem, como nesse trecho já citado. Ele mostra um entrevistado local que acaba criando uma maneira divertida de explicar por que está fantasiado de Papangu:

*R – E por que tu escolheu essa fantasia?*

*A6 – Essa fantasia porque tem gente que pergunta quem foi que nasceu primeiro, se foi o ovo ou a galinha, foi o macaco (risos). É, e o macaco não gosta de banana, o macaco é bacana, o macaco veio pra cá pro Papangu pra deixar todo mundo comendo angu e feliz da vida e quem tiver achando ruim que vá morar no Japão porque aqui é o local de brincar o carnaval e você tem que ser um grande folião...*

Em “A Folia do Papangu é um festejo popular” a enunciação compõe o feixe com a ideia de que as pessoas podem participar da festa e compor ainda mais a fantasia da tradição.

Nos dados é possível ver um trecho no qual o turista está encantando com a participação das pessoas na festa. Ele elogia e diz o que acha desse aspecto da festa:

*R – E por que que tu tá aqui no carnaval de Bezerros?*

*A16 – Olhe, se tem uma das coisas que eu adoro em Pernambuco é o carnaval popular. Popular no sentido de não ter corda, eu uso uma camisa, eu posso ter uma condição de pagar, mas é o espetáculo, poxa, as pessoas são criativas demais, são leves demais, não vê briga, empurrão, “desculpa aí, desculpa aqui”, no interior, isso é uma maravilha, poxa.*

*R – E assim, o que tu acha dos Papangus?*

*A16 – Ah! A criatividade. Criatividade é espetacular. Os caras gastam, investem, pra dizer assim, eu quero tá na festa, “vamo tirar uma foto?”, para pra tirar uma foto e a foto é uma maravilha, eles deixam, é ótimo.*

A regra “A Folia do Papangu é vivida como tradição” se relaciona com a função “Caracterizar festa como tradicional”. Aqui a festa ganha contornos históricos, regionais, icônicos e isso traz os elementos necessários para se viver a festa como tradição. Essa função

ainda se relaciona com os enunciados: “A Folia do Papangu é um festejo irreverente”, “A Folia do Papangu é materializada pela presença dos Papangus” e “A Folia do Papangu é pacata”.

O enunciado “A Folia do Papangu é um festejo irreverente” se mostra como parte do feixe na forma de mostrar como o extrapolar regras, de não fazer reverência, faz parte da tradição da festa.

Nos dados é possível ver a figura 21. O local da foto é uma das paredes da arquibancada montada para se ver os desfiles passarem. Nele dois meninos jogam farinha nas pessoas que passam. A regra clara do cotidiano que diz que as pessoas não podem melar desconhecidos é negligenciada em nome da tradição carnavalesca de brincar com as pessoas, mesmo que seja de uma forma invasiva.



Figura 21 - Garotos jogam farinha  
Fonte: Foto tirada pelo autor

Já o enunciado “A Folia do Papangu é materializada pela presença dos papangus” se mostra como parte do feixe por mostrar como os próprios Papangus são elementos essenciais para a festa.

No meio de uma entrevista, o folião local explica por que veio fantasiado de Papangu para a festa. É quando ele expõe com é central o papel do Papangu na festa e como é motivo para ele se fantasiar como tal:

*R – E por que que tu veio fantasiado de Papangu pra festa?*

*A11 – A tradição de Bezerros... Muitos anos, muitos, muitos anos, há muitos anos eu saio de Papangu, e a atração de Bezerros é o Papangu. De fora, o povo perguntar onde fica bezerros, é a terra do papangu. Muito conhecido pelo Brasil a fora.*

O enunciado “A Folia do Papangu é pacata” faz parte do feixe ao mostrar como faz parte do que é tido como tradicional desse carnaval a tranquilidade do local.

Nos dados é possível ver uma entrevista na qual os foliões pernambucanos enumera elementos que fazem acreditar na festa como algo pacato e natural da festa. Ele fala da distância, da própria tranquilidade e da possibilidade de trazer a família par a brincadeira de tão calma que é a festa:

*R – Por que vocês vieram pra cá pra Bezerros?*

*A27 – A gente veio antes... Veio aproveitar um pouquinho do carnaval de Bezerros, fugindo um pouquinho de Olinda, Recife antigo, aproveitar um pouco, é um pouquinho distante mas tem que vir, prestigiar o carnaval que a cidade proporciona.*

*R – O que vocês acham legal assim aqui...*

*A27 – Aquela questão né, a brincadeira em si, a irreverência, um carnaval mais tranquilo, você pode vir com a família, com as crianças...*

## 5 Considerações finais

---

A inquietação inicial da pesquisa veio de visão de que, por um lado, a Folia do Papangu era percebida com uma beleza ainda não compreendida e, por outro ângulo, uma espécie de organização não muito clara. Com o decorrer da pesquisa, essa beleza indefinida de antes deu lugar a ideia de festa popular. Havia algo ali, um brilho que tomava forma através dos olhos dos foliões. Ficou claro, depois que essa ideia vinha de uma visão romântica de cultura (CANCLINI, 1983), uma festa que refletia uma manifestação cultural histórica, autêntica. Com as contribuições dos autores e da banca examinadora, tomou forma a ideia de que essa visão da festa era na verdade o uma fantasia. A fantasia encontrada tem aspectos desse apelo romântico: o povo se divertindo de uma maneira espontânea, o Papangu como espírito secular de uma tradição. Essa percepção da festa não pode ser considerada como de todo inexistente, uma vez que a fantasia é realidade para quem a experimenta. No entanto essa fantasia é uma construção social, não é algo universal.

Além da ideia de festa popular, a ideia de cultura adotada como lente teórica se mostrou coerente com os resultados. De fato, se foi escolhido como lente teórica as chances de isso acontecer eram grandes, quase óbvias. No entanto sabe-se que o olhar crítico do pesquisador pode identificar dissonâncias na teoria e no debruçar empírico. O que se afirma aqui é que a teoria pela qual se observou a cultura não apresentou tais dissonâncias. A cultura como sendo uma maneira de reestruturação simbólica afim de interferir no sistema social pode ser vista pela própria formação da Folia do Papangu como dispositivo do gozo. O controle do gozo não se dá de maneira forçada. Não existem leis ou exércitos que obrigam os foliões a irem para o carnaval Bezerros, nem mesmo tirar fotos ou comprar um lanche lá. Há sim uma prática simbólica que estrutura a realidade de maneira que as pessoas se sintam intuitivamente impelidas a ir a tal festa. Essa prática simbólica utiliza os elementos culturais

da história de Bezerros para criar um universo sedutor. Não é essa uma maneira de usar a cultura para uma manobra social? Dessa forma, fica clara a harmonia entre a teoria de cultura utilizada na pesquisa e os resultados.

De maneira análoga pode ser vista a lente teórica de tradição adotada nesta pesquisa. Existem práticas que se repetem, com uma ligação do passado e que constroem uma ideia de tradição. A Folia do Papangu acontece sempre na época carnavalesca, traz o Papangu, os blocos e diversos elementos já tidos como característicos. Esses elementos fazem parte da cultura da região, não só o Papangu mas o tradicional modo de vida tranquilo da cidade caracteriza a festa. No evento, entretanto, esses elementos se mostram ainda mais característicos, se tornam espécies de marcas da festa e ajudam criar a fantasia da tradição da Folia do Papangu. Essa fantasia, como foi visto, não é articulada de maneira aleatória, mas conectada com o controle do gozo que permite a atração de turistas, a movimentação da economia local e a própria estruturação da festa.

Conforma levantado na seção sobre mercantilização, a ideia de desenvolvimento local aparece utilizando o que cada região tem de mais promissor economicamente para alavancar as atividades da região (LIMA, 2007). Isso foi perceptível na regra “A Folia do Papangu é organizada como produto cultural”. O carnaval de Bezerros proporciona o desenvolvimento ao utilizar seus elementos culturais para desenvolver uma indústria do gozo. Os elementos fantasiados e o gozo como dispositivo mostram isso.

Uma dissonância em relação ao referencial teórico e as conclusões seria entre o que considera Rolando (2000) e a fantasia como foi revelada. O autor atenta para o fato de que os turistas questionam a legitimidade daquilo que é posto como produto cultural. No entanto, quando se considera a noção de fantasia, isso não é notado. A fantasia como ela é demonstrada nessa pesquisa estrutura a própria realidade, tornando aquilo que é contrário a gozo, ou a ideia de tradição, seja assimilado pela fantasia de modo que não a desarranje.

Então essa percepção de que os consumidores de produtos culturais questionam a legitimidade vai de encontro ao interesse deles de desacreditar de fato na tradição.

As formações discursivas, apesar de duas diferentes, aparecem como complementares. A fantasia estrutura a realidade do folião para permitir o gozo e o dispositivo do gozo dá início a busca pela satisfação que dá origem ao surgimento da fantasia. Mas não só isso. O discurso aparece desde os enunciados bastante truncado. São diversas as relações e as possibilidades de interpretação. Nas funções e regras isso diminui de intensidade, mas desde lá os elementos são complementares. A experiência da festa está relacionada com a formatação e o direcionamento dados pela organização da festa. De certa forma, até a própria organização parece ser algo tradicional, uma vez que o crescimento da festa e seu papel econômico já se tornam algo que se espera da Folia do Papangu. Isso corrobora a ideia da análise foucaultiana de que os discursos são feixes complexos de significados. Eles se relacionam intensamente e estruturam um complexo jogo de verdades presentes na sociedade.

A pesquisa mostra que a Folia do Papangu é um evento orientado pela ideologia capitalista. Não existe um regente, alguém ou algo que ordene como as coisas devem ser, mas, inconscientemente, uma lógica capitalista opera na folia. Os elementos culturais da história do Papangu são formatados para mover a economia da região e os próprios foliões tratam da festa como um evento desse tipo, considerando até positivas as intervenções das marcas na festa.

A cultura se mostra não como um espaço inocente, puro mas algo tão exposto ao capitalismo como a própria economia. Nesse estudo é interessante notar a relação entre as relações econômicas e as culturais. A Folia do Papangu é uma festa de grandes proporções baseada na história de Bezerras e voltada para o desenvolvimento da região. Os Papangus não são apenas pessoas fantasiadas mas recursos investidos para colher diversão e lucros. Os foliões são clientes curiosos e sedentos por algo novo a se viver que acabam servindo às

atrações culturais tanto como atração quanto como consumidores. A cultura se tornando produto acaba por transformar o mundo em um shopping center que comercializa subjetividades, valores e práticas. Uma das consequências disso é a manipulação da vida de tal forma em que tudo passa por um cuidado especial porque pode virar produto, espetáculo. Se tudo vira produto o risco é do se esquecer que existem outras formas de vida fora da busca pelo lucro. Não que existam formas ideais de vida, mas a mercantilização de tudo pode fazer as pessoas esquecerem de coisas em detrimento da busca por ganhos financeiros.

Neste trabalho foi levantado que existe uma conexão entre o imperativo do gozo e as promessas desse gozo na Folia do Papangu. Diante disso pode-se perguntar se a brincadeira carnavalesca aparece como uma ordem. Pode-se que há um circuito que envolve o gozo, que permite fantasias e assim uma dissertação simbólica implícita é criada. Uma ordem pressupõe alguém que a ordene e, como visto, o aparelho ideológico é uma construção do sujeito diante do contexto em que está inserido. Portanto, não seria de todo razoável falar em ordem, mas em uma indução organizada.

Uma outra questão que emerge é a da condição fantasiosa do sujeito: é possível sair desse estado? A fantasia não é uma opção, é uma construção que permite o sujeito ter contato com seu objeto de desejo pois o Real desse encontro é traumático em seu estado “puro” (ZIZEK, 2010). Sendo assim é algo tão natural quanto a própria realidade experimentada pelo sujeito. A teoria também antecipa, no entanto, que quando se mostra a estruturação da fantasia em relação ao desejo em questão, a fantasia e toda a realidade do sujeito se desconfiguram. Essa realidade destruída é chamada de monstro. No entanto, uma outra fantasia é criada pela emergência de se desejar, de gozar (ZIZEK, 2010). Como se vê, a fantasia no seu sentido amplo não é algo a ser destruído, é um mecanismo natural. No entanto uma fantasia pode ser desfeita, mesmo que outra surja depois. O que justificaria esse processo seria acabar com a exploração em que o sujeito se encontra devido a fantasia que ele mesmo criou.

A pesquisa apresenta limitações. A falta de registros tornou-se um problema, uma vez que o carnaval de Bezerros tem origens muito antigas e dispersas, não tendo as pessoas no seu início o hábito de registrar sua história. Muitas dessas informações estão com as pessoas que viveram essa festa há muito tempo atrás e não se há notícias de muitos deles.

Problemas de comunicação com os órgãos locais dificultam a coleta de mais dados. Apesar de ter-se dados de dois carnavais e de vários sites da internet, muitas outras fontes não puderam ser acrescentadas aos dados. Foram utilizados recursos visuais na forma de fotografias, mas registros audiovisuais não foram feitos. As entrevistas foram feitas no meio da festa, se por um lado isso é interessante para o relato de alguém que está no meio da festa falando dela, por outro lado isso dificulta a comunicação devido ao barulho e a movimentação da folia.

Novas perguntas também emergem. Sabe-se que os dispositivos estão internalizados, mas pode-se perguntar até que ponto um sujeito influencia na experiência do gozo dos outros? Isso parte da ideia de que tanto a fantasia quanto o gozo são construções coletivas. Se assim são, também é possível perguntar: existem outros mecanismos sociais que interferem na dinâmica do gozo? Julgando que existem conflitos entre culturas, pode-se perguntar ainda: como se dão os conflitos culturais para a consumação do gozo? Refinando a ideia, pergunta-se: como uma cultura torna-se mais interessante que outra na construção da fantasia e do gozo? Verificou-se que a Folia do Papangu é um evento que se utiliza dos elementos culturais para movimentar a economia. Pode-se perguntar: quais são os impactos para a sociedade desse tipo de evento? Existem eventos que se utilizam de elementos culturais segundo uma outra lógica?

Sobre a fantasia, é possível questionar: que outras configurações fantasiosas suportam outras noções sobre as tradições? Os consumidores de cultura podem entender suas fantasias de alguma forma?

## Referências

- ALVES NETO, R. Mundo e acosmismo na obra de Hannah Arendt. **Tese de doutorado**, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia da PUC-Rio, 2007.
- ALVESSON, M. Critical theory and consumer marketing. **Scandinavian Journal of Management**, v. 10, n. 3, p. 291-313, 1994.
- ALVESSON, Mm; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 227-266, 1999.
- BARBOSA, F. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional/Tourism as a local and/or regional development factor. **Caminhos de Geografia**, v. 6, n. 14, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água Editora Ltda. 1991.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research**. Sage, 2000.
- BÖHM, S; BATTA, A. Just doing it: enjoying commodity fetishism with Lacan. **Organization**, v. 17, n. 3, p. 345-361, 2010.
- BÖHM, Steffen; DE COCK, Christian. Everything you wanted to know about organization theory... but were afraid to ask Slavoj Žižek. **The Sociological Review**, v. 53, n. s1, p. 279-291, 2005
- BOJE, D. M.; RHODES, C. The virtual leader construct: The mass mediatization and simulation of transformational leadership. **Leadership**, v. 1, n. 4, p. 407-428, 2005.
- BRAYNER, P. **Papangu, mascarado, bloco carnavalesco e brincadeiras**. Monografia de especialização em História de Pernambuco. Orientador Antônio Paulo Rezende Recife: UFPE, 1997.
- BUDELMANN, F.; HAUBOLD, J. **Reception and tradition**. Oxford, 2008.
- BURTON, D. Critical marketing theory: the blueprint? *European Journal of Marketing*, v. 35, n. 5/6, p. 722-743, 2001.
- CANCLINI, Néstor García; COELHO, Cláudio Novaes Pinto. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARROLL, G. R.; WHEATON, D. R. The organizational construction of authenticity: An examination of contemporary food and dining in the US. **Research in Organizational Behavior**, v. 29, p. 255-282, 2009.
- CHEMAMA, R. Um sujeito para o objeto. In R. Goldenberg (Org.), **Goza!:** Capitalismo, globalização e psicanálise, 1997.
- COSTA, F. Z. N.; GERRA, J. R. F.; LEÃO, A. L. M. S. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidade de pesquisa no Campo da Administração. In: III ENEPQ. **Anais...** João Pessoa: 2011.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 3ª ed.,

Porto Alegre, Artmed: 2010.

DA MATTA, R. da . **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 4. Ed, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

DANZIATO, Leonardo José Barreira. O dispositivo de gozo na sociedade do controle. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 430-437, 2010.

DE SORDI, J.; TASHISAWA, T. Introdução da Tecnologia de Repositório Institucional: oportunidade para repensar aspectos de qualidade da pesquisa científica. **REUNA**, v. 18, n. 1, p. 73-88, 2013.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 102, p. 85-102, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34, 1992.

DEWAAL, J. The Reinvention of Tradition: Form, Meaning, and Local Identity in Modern Cologne Carnival. **Central European History**, v. 46, n. 03, p. 495-532, 2013.

EAGLETON, Terry. Figures of dissent. **Critical Essays on Fish, Spivak, Žižek and Others**. London, 2003.

FARIA, A.; GUEDES, A. Estudos Organizacionais, Estratégia e Marketing no Brasil: em defesa de uma abordagem focada em consumo e globalização. **Encontro de Estudos Organizacionais, EnEO 2004**, junho 2004, Atibaia, São Paulo.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLIA DOS PAPANGUS. Disponível em: <<http://foliadopapangu2014.com/>>. Acesso em: 20 de fev, 2014

FONTANELLA, B. J. .B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad saúde pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

FONTENELLE, I. A. O trabalho da ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. **Interações**, v. 10, n. 19, p. 63-86, 2005.

FONTENELLE, I. A. Relações entre Consumo, Cultura e Organizações: Desafios para os Estudos Organizacionais no Brasil. **XXXV Encontro da Enanpad**, Rio de Janeiro, 2011.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FROEHLICH, J. M. O “local” na atribuição de sentido ao desenvolvimento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 94, p. 87-96, 2011.

FROEHLICH, J. M. O “local” na atribuição de sentido ao desenvolvimento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 94, p. 87-96, 2011.

GIDDINGS, S. Playing with non-humans: Digital games as technocultural form. **Worlds in Play: International Perspectives on Digital Games Research**. New York: Peter Lang, p. 115-128 DAVIDSON, M. Sustainable city as fantasy. **Human Geography**, v. 5, n. 2, p. 14-25,

2012., 2007.

GROSSMAN, Lev. The quest for cool. **Time**, v. 8, p. 2-6, 2003.

GUION, L. A.; DIEHL, David C.; MCDONALD, D. Triangulation: Establishing the validity of qualitative studies. 2011.

GUNDER, M. Planning as the ideology of (neoliberal) space. **Planning Theory**, v. 9, n. 4, p. 298-314, 2010.

HIBBERT, P.; HUXHAM, C. The past in play: Tradition in the structures of collaboration. **Organization Studies**, v. 31, n. 5, p. 525-554, 2010.

HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IORIO, M.; CORSALE, A. Rural tourism and livelihood strategies in Romania. **Journal of Rural Studies**, v. 26, n. 2, p. 152-162, 2010.

JONES, R. Sacred cows and thumping drums: claiming territory as 'zones of tradition' in British India. **Area**, v. 39, n. 1, p. 55-65, 2007.

KAY, Sarah. **Zizek: A critical introduction**. 2003.

KINCHELOE, J. L.; MCLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KINGSBURY, Paul. Did somebody say jouissance? On Slavoj Žižek, consumption, and nationalism. **Emotion, space and society**, v. 1, n. 1, p. 48-55, 2008.

KNIGHTS, D. e MORGAN, G. Organization Theory and Consumption in a Post-Modern Era.

LACAN, J. Seminário XX–Mais, Ainda–Jorge Zahar Editor. **Rio de Janeiro**, 1998.

LACAN, J. **O seminário: livro 7: ética da psicanálise 1959-1960**. Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **The seminar of Jacques Lacan. Book 1, Freud's papers on technique 1953-1954**. Cambridge Univ. P., 1991.

LEFEBVRE, H. **O marxismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960

LIGHT, D. Dracula tourism in Romania Cultural identity and the state. **Annals of tourism research**, v. 34, n. 3, p. 746-765, 2007.

LIMA, C. L.C.. Políticas culturais para o desenvolvimento: o debate sobre as indústrias culturais e criativas. **Anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 3º, Salvador, Bahia, Brasil, 2007.

LIMA, C.. Carnaval de Pernambuco. <Disponível em [www.fundaj.com.br](http://www.fundaj.com.br)>. Acesso em 14 de junho de 2008.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LÓSSIO, Rúbia; PEREIRA, Cesar. **História e estórias do carnaval em Pernambuco**. 2008. <disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro\\_338\\_-\\_historias\\_e\\_estorias.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro_338_-_historias_e_estorias.pdf)>

LOURENÇO, F. O pré-teatro e a função da máscara: O fogo brincante dos Papangus. **ILINX-Revista do LUME**, n. 7, 2009.

LUSTOZA, Rosane Zétola. O discurso capitalista de Max a Lacan: Algumas consequências para o laço social. **Revista Ágora**, v. 12, n. 1, p. 41-52, 2009.

LUSTOZA, Rosane Zétola. O estatuto do objeto na psicanálise lacaniana: uma comparação com o objeto da ciência. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, v. 24, n. 2, 2008.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003

MELMAN, C. **O homem sem gravidade: Gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. Revised and Expanded from "Case Study Research in Education.". Jossey-Bass Publishers, 1998.

MYERS, M.I D.; AVISON, D. Qualitative research in information systems. **Management Information Systems Quarterly**, v. 21, p. 241-242, 1997.

NORRIS, T. Consuming schooling: education as simulation. **Philosophy of Education Society**. 2007.

OLIVEIRA, Gláucia Dayse de. **Zito Farias, retrato da cultura musical dos carnavais de Bezerros**. 2010.

ORTIZ, Renato. Cultura e desenvolvimento. **Políticas culturais em revista**, v. 1, n. 1, 2008.

Organization Studies, v.14, n. 2, 1993.

PAIVA JR., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

PAULA, A. P. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; BARRETO, R. ; KLECHEN, C. F. A Tradição e a Autonomia dos Estudos Organizacionais Críticos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**. Vol. 50, n. 1, p. 10-23, Jan/Mar 2010

PELINCA B., Natália; R. L., Joao Policarpo; GATTO, M. F.. Role of the Tourism Cluster of Porto de Galinhas in the Local Development. **Journal of technology management & innovation**, v. 8, p. 38-38, 2013.

PESSOA, J. Aprender e ensinar nas festas populares. Programa um salto para o futuro. **Bol**, v. 2, 2007.

POLI, Maria Cristina. Perversão da cultura, neurose do laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 7, n. 1, p. 39-54, 2004.

QUINET, Antonio. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. **Associação Mineira de Psiquiatria-O Risco**, v. 10, n. 8, p. 12-4, 1999.

RAMOS, E. M.; MACIEL, B. **O híbrido papangu, do sagrado ao profano**, uma possível herança do bumba-meu-boi. I Prêmio de Folkcomunicação Câmara Cascudo. 2008.

RAMOS, E. M.; MACIEL, B.a. Folkcomunicação e desenvolvimento local: estratégias de comunicação da folia do papangu em bezerros, pernambuco, brasil. **Razón y palabra**, n. 77, p. 19, 2011.

RAMOS, E.; MACIEL, B.; . Papangus como ferramenta folkcomunicacional do turismo em Bezerros (PE). **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 7, n. 13, 2009.

ROLAND, L. K. Tourism and the commodification of Cubanidad. **Tourist Studies**, v. 10, n. 1, p. 3-18, 2010.

SAFATLE, V. A política do real de Slavoj Zizek (Pósfacio). In: ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do Real!** São Paulo: Boitempo, 2003.

SANSONE, L. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização ea criação de culturas negras no Brasil. **Mana**, v. 6, n. 1, p. 87-119, 2000.

SENNETT, R.; ZOLA, E.. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Relume Dumará, 2003.

SU, X. Commodification and the selling of ethnic music to tourists. **Geoforum**, v. 42, n. 4, p. 496-505, 2011.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Métodos Estruturalistas: pesquisa em ciência de gestão**. São Paulo: Atlas, 2008.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Zahar, 1990.

WAGNER, Roy. **The invention of culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

WYLIE, John W. Poststructuralist theories, critical methods and experimentation. **Approaches to Human Geography**. Sage, London, p. 298-310, 2006.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 615 p.

ZAWILIŃSKA, B. Landscape Parks and the Development of Tourism in the Protected Areas of the Polish Carpathians. In: **The Carpathians: Integrating Nature and Society Towards Sustainability**. Springer Berlin Heidelberg, 2013.

ŽIŽEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 9, 1996.

\_\_\_\_\_. **Como ler Lacan**. Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **The plague of fantasies**. Verso, 1997.

\_\_\_\_\_. **A visão em paralaxe**. Boitempo Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Looking awry: An introduction to Jacques Lacan through popular culture**. MIT press, 1992.

ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. **Conversations with Zizek**. Cambridge: Polity, 2004.